

OS ESTUDOS DE PERCEPÇÃO DO MEIO AMBIENTE NO BRASIL

Profa. Dra. Livia de Oliveira*

Uma explicação geral e completa da mente e de sua relação com o cérebro e a cultura é a única maneira de tentar enfrentar essa época de ignorância e magia, contrapondo-lhe alguma razão e discernimento. Não apenas porque a verdade deve sempre prevalecer, mas sobretudo porque a verdade científica, ainda que provisória e imperfeita, é uma das únicas salvaguardas contra a tirania da desrazão.

Henrique S. Del Nero. **O Sítio da Mente**.
São Paulo: Collegium Cognitio, 1997:18.

À guisa de abertura neste **I Encontro sobre Percepção e Conservação Ambiental: a Interdisciplinaridade no Estudo da Paisagem**, quero dar o meu testemunho destes últimos 27 anos como professora universitária, que venho pesquisando, orientando mestres e doutores, ministrando disciplinas, dando conferências e cursos por este Brasil afora. Como pioneira, sinto-me a vontade em discorrer sobre os estudos de percepção do meio ambiente. Sinto-me lisonjeada em estar aqui presente, e dirigindo a palavra aos participantes.

A leitura que faço sobre meio ambiente perpassa por vários autores, indo desde Dardel, Tuan, Dubos, Lynch, Lowenthal, Bachelard, Piaget, Claval, Bailly, Buttimer, Burton, Relph, White, Merleau-Ponty e muitos outros de renomes internacionais. Dentre os nacionais lembraria Amorim Filho, Del Rio, Machado, Troppmair, Romariz, Coimbra, Ferreira, Gratão, Bley, Vieira e muitos outros.

A minha experiência e vivência ambientais, portanto, é o resultado de todos os caminhos percorridos por inúmeras bibliografias, contatos diretos, troca de idéias e convivência com colegas e discípulos. Principalmente, nas longas e profícuas sessões de orientação com meus alunos, eu e eles, nos enriquecendo, ampliando nossos horizontes e procurando abarcar o mundo e o universo.

Assim, meio ambiente é tudo e todos. É uma moeda com duas faces: o homem e a natureza; interligadas, inseparáveis para sempre. Nós não podemos prescindir do nosso meio ambiente. Ao mesmo tempo o meio ambiente só é se estiver presente o homem. As dimensões são inúmeras e incontáveis. Quantas nós quisermos considerar ou acrescentar. Podem ser, portanto, desde as naturais, culturais, sociais, psicológicas, ecológicas, etc., etc. Assim abordado o meio ambiente é, tanto estudado do ponto de vista científico, quanto político ou administrativo, ou educacional, ou, mesmo do senso comum. Tanto é o **espaço** que é a sensação de amplidão e de infinito, nos lembrando planaltos imensos, oceanos sem fim, terras sem limites, florestas intrincadas, cidades apinhadas; quanto é o **lugar**, que é a sensação de aconchego, de finitude, de lar, de família. Tudo isso é meio ambiente, resultante da experiência emocional e afetiva. Nós colorimos o nosso meio ambiente com as mais diversas cores. Ora vivas e alegres, ora tristes e desbotadas. Daí em nossa visão ambiental desenvolvemos um elo afetivo profundo, indissociável, que Tuan, com base em Bachelard, denominou de **topofilia**. Este conceito foi difundido entre todos aqueles que lidam com meio ambiente, experienciada e

conceitualizada, mediante uma visão do mundo. A topofilia é uma atitude, um valor, um atributo tanto individual, quanto coletivamente, como sempre acontece, ao aparecer um neologismo como **topofilia**. Assim, como as pessoas desenvolvem elos positivos em relação ao lugar, também, relacionam-se negativamente. Sente aversão por este ou por outro lugar. Muitas vezes as razões são psicológicas e não naturais. A aversão não está contida no lugar, mas sim na própria pessoa. Outro neologismo, agora, muito empregado é o de **topocídio**. São inúmeros lugares que foram “assassinados”, deteriorados, destruídos, transferidos, apagados da paisagem geográfica. Surge, ainda, outro termo: **toporeabilitação**. Os lugares, por sua vez, pelos seus altos valores, suas localizações e interesses públicos, são reconstruídos, remodelados, re-usados, enfim revitalizados.

Atualmente, o meio ambiente, é trabalhado, não mais como um objeto, mas sim como sujeito. Pois como Homem e Meio Ambiente constituem um todo inseparável, somente será equacionada a questão ambiental se for abordada como processo, implicando a participação e a construção, a partir da própria sociedade. Precisamos de uma tecnologia pedagógica para definir as estratégias, articular as proposições e reformular os conceitos de mundo vivido, de geografia do cotidiano e valorizar as paisagens naturais, sociais, culturais, e estudar a terra como o lar da Humanidade.

De início, os estudos sobre percepção do meio ambiente se concentraram apenas sobre a percepção, propriamente dita. Porém, mais recentemente as pesquisas têm se voltado mais para a cognição. Pois a noção de percepção está mais atrelada ao laboratório, aos experimentos de campo, quer em uma ou outra teoria psicológica. Nós, em Geografia, sentimos a necessidade de investigar de um ponto de vista cognitivo, muito mais lidar de uma perspectiva da experiência, através do conhecimento e da construção da realidade do mundo. É claro, que consideramos, também as emoções, a ética e a afetividade, quando estabelecemos relações com o meio ambiente.

Enquanto, ver é uma sensação, perceber é atribuir um significado, conhecer já requer a participação da inteligência, é um pensar. Ao vermos um meio ambiente, ao percebermos, construímos uma imagem desse objeto, que ao mesmo tempo é sujeito. Ver, perceber, pensar são processos embricados, de difícil separação. Nossa mente é basicamente holística, abrangente e seletiva. Simultaneamente atribuímos significados aos objetos que nos rodeiam, daí, selecionarmos o que precisamos, queremos ou estruturamos, pois a gama de estímulos que nossos órgãos sensoriais captam é quase infinita. Significativamente filtramos os estímulos mediante o critério de atuação e atribuição e são processados em nosso cérebro e as respostas dadas são os produtos dessa relação mente/meio ambiente.

Quero lembrar que Piaget reconhece entre a percepção e a inteligência uma atividade perceptiva. É esta com que nós trabalhamos e não com percepção. A atividade perceptiva é que nos permite: antecipar, comparar, transferir, explorar, transpor espacial e temporalmente, esquematizar ou mesmo referenciar. Estas atividades aumentam em idade, importância e em número de variedades diferenciadas. Normalmente diminuem os erros primários e favorecem as coordenações, porém, podendo engendrar novas formas de erros sistemáticos, porque elas põem em relação elementos até então não ligados. Estes são os denominados erros secundários.

Não podemos nos esquecer que a percepção, para Piaget, se prende à aparência (fenomenal) dos objetos, significando que ela se restringe ao dado (presença e

proximidade), e relativamente a um ponto de vista egocêntrico, do indivíduo. Em outras palavras: o dado percebido permanece essencialmente **dado** e não se prolonga em reconstrução dedutiva. Perceber é uma caixa fechada, eu a percebo como um objeto em três dimensões, apresentando um volume e um interior, mas, para decidir sobre o seu conteúdo preciso de outros mecanismos, além da percepção atual. Por sua vez, a inteligência, em contato com o objeto presente e dado, ultrapassa sem cessar, no sentido de uma reconstrução interpretativa. O conteúdo da caixa, como a composição interna de um sólido opaco são objetos do pensamento, tanto da aparência. As significações perceptivas não ultrapassam o quadro dos “índices” e permanecem relativamente indiferenciadas e intermutáveis em oposição aos “símbolos” e aos “sinais” que são significantes diferenciados de seus significados e cada vez menos intermutáveis entre si. A percepção, portanto, não sai das fronteiras dos “significados” e “significantes” próprios. A inteligência, ao contrário, escolhe os dados, aquilo que é necessário para resolver o problema do raciocínio que está em jogo. Resolver um problema torna-se assim ultrapassar o dado, nos quais a construção dedutiva e a abstração são solidárias, revelando uma coordenação de pontos de vista.

Com estas noções apresentadas sobre meio ambiente, percepção e cognição, desejo agora, discorrer sobre os estudos de percepção entre nós. Comecei a me preocupar com a percepção ambiental, em fins da década de setenta. Com a minha tese de livre-docência (1977) estudei, li, digeri e refleti profundamente sobre o sistema Piaget. Meu interesse inicial foi o espaço geográfico: conceito, representação, construção. Meu caminho percorreu a teoria psico-genética, passando pela percepção e cognição. O passo seguinte foi articular todas essas noções inferidas, acrescentando o termo ambiente. Na mesma ocasião, eu entrava em contato com a Geografia Humanista, quando de meus périplos pelos Estados Unidos, Canadá e Nigéria, e principalmente minhas visitas às University of Iowa, Clarb University, University of Toronto e University of Ibadan. Para mim foi uma descoberta, uma resposta às minhas questões que eu vinha fazendo e procurando soluções. Não vou me estender sobre essa nova/velha Geografia. Apenas, chamo atenção, que desde 1952, Dardel, em sua clássica obra já abordava o espaço geográfico de uma maneira mais “humana”, mais “natural”, mais holística. Esta Geografia não tem “grilos”, não é dicotômica, não há oposição entre a Geografia Física e a Geografia Humana, não há controversa entre um método geral ou um regional.

Esta Geografia Humanista abre menos horizontes para o geógrafo, nos conduzindo a estudar a Terra como o planeta do Homem. A abordagem empregada é muito mais qualitativa do que quantitativa. Daí um maior contato com o **lugar**, com o **mundo vivido** e com a **vida do cotidiano**. Tudo isso vem nos permitindo uma ligação muito íntima e emocional com as artes, quer as plásticas, ou as dos sons e letras. As fontes artísticas vêm cada vez mais trazendo para nossas pesquisas e renascendo nossos estudos de **paisagem**. Atualmente, é difícil saber o que se inclui ou se exclui da Geografia Humanista. Nossos estudos transbordaram daquele conceito apenas de “Percepção do Meio Ambiente”. Hoje, estão investigando em Geomorfologia, Climatologia, Biogeografia, sem se pensar em estudos de urbana, de rural, de população, de transportes, das atividades econômicas, todos também geográficos.

Outrossim, pipocaram os centros de estudos por este Brasil afora. O grupo da Federal e da PUC, de Belo Horizonte; no Paraná surgiram em Curitiba, na Federal e em Londrina e Maringá, na Estadual; no Rio de Janeiro, na Estadual e na Federal em Santa Catarina, são os núcleos de Florianópolis e de Itajaí, e muitos outros mais, que devem estar

presentes neste Encontro. O interessante é que os grupos reúnem vários profissionais, com os mais diversos interesses e necessidades. Assim, podemos enumerar: arquitetos, psicólogos, advogados, biólogos, ecólogos, educadores, professores de escolas do ensino fundamental e médio, jornalistas, filósofos, administradores, economistas, médicos, enfim é uma plêiade de pesquisadores e professores universitários.

Como no próprio título deste encontro aparecem as palavras interdisciplinaridade e paisagem. Minha leitura sobre o termo **interdisciplinaridade** (interação entre diferentes ramos do conhecimento) perpassa, além da simples reunião de profissionais e interessados, pela tomada de consciência sobre a noção vivida e experienciada do próprio meio ambiente. É uma atitude diante da questão ambiental. É a valorização da ciência diante da própria vida. A troca de idéias e de posturas embasam o trabalho interdisciplinar; a procura de soluções em conjunto para encontrar saídas para as questões ambientais. São raros os profissionais que vestem a camisa do meio ambiente, que colocam em primeiro lugar e como prioridade a resolução dos problemas ambientais. Muitas vezes todos desejam coordenar, aparecer, prevalecer suas posições; quase todos se sentem os donos da verdade; todos querem impor a sua ótica. Contudo, cada disciplina científica aparta suas estratégias, suas técnicas, suas contribuições. Há lugar para todos; há necessidade de todas as abordagens. A interdisciplinaridade é necessária e relevante, porém difícil de ser atingida. O princípio da interdisciplinaridade é geral a todas as ciências.

Por outro lado, o termo **paisagem** sempre foi de responsabilidade do geógrafo. Até meado do século vinte foi um conceito muito valorizado e utilizado. Depois entrou em desuso; era considerada uma noção muito descritiva, passiva e de segunda classe. Com o ressurgimento da Geografia Humanista, entre os geógrafos anglo-saxões e Geografia Cultural entre os franceses, a paisagem começou a ser vista com outros olhos. Adquiriu foros de categoria de análise juntamente com o de lugar, de território, de espaço, e outros que estavam meio relegados. Atualmente, quase em todas as pesquisas científicas incluem um ou outro aspecto da paisagem. Inúmeras dissertações, teses e artigos se preocupam em definir, conceituar, analisar, adjetivar ou substantivar a paisagem. É muito comum encontrarmos em trabalho, assim: paisagem valorizada, paisagem vivida, paisagem do cotidiano, paisagem do medo, paisagem simbólica. Todos esses complementos acrescentados à paisagem, sempre implica um sentimento, quer afetivo, quer ético. Pois, hoje, aceitamos, sem pejo, que a ciência se preocupa além do pensamento racional, com o mundo da emoção, do dia-a-dia.

É preciso, portanto, resgatar essa abrangência da ética das relações humanas, e com a natureza. Esta alternativa, este canal de comunicação está aberto agora, mediante o estudo da **paisagem** com uma abordagem indisciplinar, participando os mais variados pesquisadores, incluindo cidadãos comuns, mas interessados na problemática ambiental.

O debate está em aberto, é só informar e suscitar a discussão. Devemos aproveitar este fórum que nos oferece este Encontro e acertar nossas posições, perfilar nossos propósitos, trocar nossas idéias, manter nossas relações e preparar nossas questões.

Finalmente não quero deixar de tocar em um tema candente, necessário e oportuno: **Educação Ambiental**, que deve percolar todas as disciplinas escolares, devendo começar no berço, no lar, nas ruas, no trabalho, e integrando os currículos de todos os níveis de Escola. Hoje em dia está muito em moda se apontar a necessidade e a

responsabilidade de uns e de outros, em relação ao Meio Ambiente. Embora, todos chamem atenção para este termo “Educação Ambiental” é um conceito tão vago e difuso, mas tão rico em conotações complexas e singulares.

A “Educação Ambiental” deve estar alicerçada na ética e na afetividade. Só o que ou quem amamos é que cuidamos, que nos preocupamos. A dimensão moral no estabelecimento da relação entre o Homem e o Meio Ambiente, talvez, seja a mais profunda, pessoal e íntima que se possa conceber. É a ética que nos torna humanos, que nos conduz pelos caminhos do direito e da responsabilidade. Quando lutamos pelo “Direito do Homem”, a partir de séculos passados, esperávamos um futuro mais justo socialmente. Agora, em nosso século, que lutamos pelo “Direito da Natureza”, esperamos um presente mais promissor e uma melhor qualidade de vida para todos. Os Direitos do Homem e da Natureza devem nortear nossas interações com o Meio Ambiente, engendrados a partir de uma educação ambiental.

Faço minhas as palavras de Federico Garcia Lorca:

Pero antes de empezar quiero hacerlos el mismo ruego que a él le hizo el viejo silfo aquel anochecer de otoño, cuando se fueron los rebaños. ¿ Por qué os causan repugnar a algunos insectos limpios y brillantes que se mueren graciosamente entre las hierbas? ¿ Y por qué a vosotros hombres, llenos de pecados y de vicios incurables, os inspiran asco los buenos gusanos que se pasean tranquilamente por la pradera tomando el sol en la mañana tibia? ¿Qué motivos tenéis para despreciar, lo ínfimo de la Naturaleza? Mientras que no ames profundamente a la piedra y al gusano no entraréis en el reino de Dios.

Garcia Lorca. *El Maleficio de la Mariposa (Prólogo)*. **Obras Completas**. Madrid: Aguilar, 1960:579

Resumo:

Nesta conferência espero mais levantar perguntas do que dar respostas. Espero dar um testemunho sobre o espírito de corpo dos estudos sobre percepção do meio ambiente, no Brasil. Espero trocar idéias com os participantes.

Palavras-chave: Percepção do Meio Ambiente, interdisciplinaridade, paisagem, educação ambiental.

Abstract:

In this conference I expect rise more questions than to give answers. I expect to give a testimony concerning the spirit of corp of the studies about perception of the environment, in Brazil. I expect to change ideas with the participants.

Key-words: Perception of environment, interdisciplinarity, landscape, environmental education.

* Endereço: Caixa Postal, 219 - 13500-970 – Rio Claro – SP
Telefone: (19) 3524-2811

CRIANDO E RECRIANDO PAISAGENS: NOVOS OLHARES, NOVAS EXPERIÊNCIAS

Maria Esmeralda Soares Payão Demattê*

1. Introdução

Os humanos fazem parte da natureza. Em busca de abrigo e segurança, constroem ambientes fechados, mas sua psique ainda evoca as paisagens naturais. Não podendo habitá-las, representam e recriam a natureza fazendo jardins.

Jardim é uma palavra de origem hebraica: vem de *gan* (proteger, defender) + *eden* (prazer, satisfação, encanto, delícia). A concepção inicial e, ainda hoje, mais comum de jardim está ligada às palavras hebraicas originais: um mundo ideal, pequeno e perfeito. Na tradição judaico-cristã e na de outros povos, a idéia primitiva de jardim é de paraíso, um lugar com plantas ornamentais e frutíferas formando um ambiente de harmonia, beleza e satisfação espiritual.

*Vi as flores.
Comi os frutos.
Por isso, posso dizer
que minha vida não foi inútil.
(De um antigo poema chinês)*

A paisagem reconstruída e interpretada em um jardim é uma obra de arte que pode ser percebida pelos cinco sentidos e que se modifica com o passar do tempo, porque as plantas, entre outros diversos elementos que a compõem, são seres vivos em constante desenvolvimento e transformação.

A princípio um lugar privativo, privilégio dos mais poderosos, o jardim é hoje um dos espaços públicos vitais nas cidades. Muito se tem estudado sobre as hoje chamadas áreas verdes ou espaços livres urbanos, evolução dos antigos jardins, passeios públicos, largos ou praças, e uma abordagem mais aprofundada pode ser lida em WRIGHT (1934), LAURIE (1978), JOYCE (1986), ENGE & SCHRÖER (1992), SITTE (1992), JELICOE & JELICOE (1995), SEGAWA (1996), MACEDO (1999), DE ANGELIS (2000), MACEDO & SAKATA (2002), ROBBA & MACEDO (2002). No que se refere a estética, segurança e praticidade nos projetos de jardins, algo também é comentado por DEMATTÊ (1999) e CHURATA & DEMATTÊ (2003).

A idéia inicial de que o jardim é um lugar de encanto e delícia, no entanto, está um pouco esquecida em nossos dias.

No caso dos jardins particulares, comumente, quando os recursos financeiros permitem, contratam-se profissionais que elaboram projetos de acordo com a tendência da moda. Em geral, são esteticamente agradáveis e sofisticados, mesmo quando a simplicidade é o estilo escolhido, mas a tendência da moda os torna repetitivos, monótonos. Falta, em muitos, o encantamento que sente quem fez e cuida de seu próprio jardim, mesmo que este não seja tão refinado.

Tratando-se de jardins públicos – espaços abertos ajardinados de livre acesso, sejam eles praças ou não – é comum vermos esses espaços em condições precárias, abandonados à depredação, ao mato e à seca, perdendo completamente suas funções de oferecer beleza e conforto. Várias são as causas. Uma delas é a de que, depois da inauguração, freqüentemente não se faz a manutenção necessária, e perde-se o trabalho inicial. Outra causa é, muitas vezes, a inadequação do projeto, ou até a falta de qualquer planejamento, resultando em aparência banal e desinteressante. Essa questão é comentada com detalhes por CHURATA & DEMATTÊ (2003). Considero também uma causa a perda de interesse da população por seus jardins públicos, e a idéia que permeia este texto é a de trazer esse interesse de volta.

2. Jardins para todos e para cada um

As áreas verdes urbanas cumprem função ecológica que beneficia a todos. Oferecem sensação de contato com a natureza, proporcionam solo permeável para a infiltração de água, amenizam a temperatura, abrigam pequenos animais silvestres que sobrevivem nas cidades.

Em um lugar da cidade onde o horizonte foi fechado por construções, essas áreas podem devolver a vista perdida de campos e montanhas longínquos, se nelas for erguido um mirante.

Mais do que isso, as áreas verdes contribuem para diminuir a violência urbana, pelo bem-estar não somente físico, mas também psicológico, que proporcionam.

O interesse da comunidade é o que mantém vivo um jardim público. Uma forma eficaz de despertar esse interesse é a participação dos futuros usuários em todas as fases de planejamento e implantação do jardim.

No planejamento, levar-se-á em conta a opinião do público, levantada por meio de questionários ou entrevistas. Além de envolver a comunidade, esse tipo de levantamento traz ao projetista informações, por vezes, novas sobre as necessidades e desejos dos usuários. Os equipamentos projetados, embora simples, deverão atender a essas necessidades.

Ao ser implantado o projeto, outra forma de participação seria a realização de um plantio coletivo, supervisionado, em que cada participante escolhesse e recebesse uma muda para plantar em local determinado.

Procedimentos para recuperar árvores doentes, reparar danos e conservar o jardim, envolvendo a comunidade, criam elo afetivo. Os usuários do jardim que acompanharem esses trabalhos, provavelmente, passarão a sentir-se co-responsáveis pelos bons resultados conseguidos e a cuidar para que não ocorram novos danos.

Para todas as pessoas, mesmo um jardim simples pode ser agradável, desde que tenha algo estimulante. O espaço será mais pitoresco quando a composição vegetal é ser feita

de tal modo que haja colorido durante o ano todo, e as espécies que florescem simultaneamente exibam combinações harmoniosas de cores.

Elementos incomuns, como uma árvore centenária, orquídeas no alto dos troncos, ou algo intrigante, como uma flor de cor inusitada, tornam-se pontos de atração. Lendas e fatos históricos relacionados com o lugar podem ser lembrados com objetos e inscrições, estimulando a imaginação e trazendo um toque de mistério.

A aparência natural valoriza muito o efeito da vegetação. Troncos pintados de branco e plantas podadas contrariam a impressão de naturalidade. Excetuam-se, no último caso, as podas de limpeza, necessárias para manter a boa aparência do conjunto, e as desbrotas laterais do futuro tronco das árvores.

A água é o elemento natural preferido pela maioria das pessoas de todas as idades. Quando presente na paisagem, se valorizada por vegetação, torna-se o ponto mais atraente. A Figura 1 mostra um lindo recanto criado com água e plantas.



Figura 1. Lago do Sítio Santo Antonio da Bica, Rio de Janeiro, projetado por Roberto Burle Marx. Foto de Maria Esmeralda Demattê, 1999.

Sem veneno, por favor

Os jardins, além de oferecerem beleza para os olhos, devem proporcionar prazer aos outros sentidos: audição, tato, olfato, paladar. Para que haja passarinhos cantando, sapos coaxando, borboletas voando, é preciso que as flores, os frutos e a água não estejam envenenados. Quem passeia pelo jardim tem o direito de sentir a textura das plantas e da terra com suas mãos, sem que veneno entre em sua pele. Direito de poder passear descalço pela grama. De cheirar flores e ramos perfumados. De comer o que for comestível. De colher ervas para o chá.

Um jardim deve beneficiar o ambiente e, por isso, não há sentido em mantê-lo à custa de venenos. Ele pode ser cultivado em sistema orgânico, e detalhei este assunto em DEMATTÊ (2003).

FURLAN (1998) e BURG & MAYER (2000) ensinam receitas de produtos não venenosos para controlar pragas e doenças que atacam plantas ornamentais, medicinais e comestíveis.

As plantas invasoras podem ser arrancadas manualmente ou com ferramenta apropriada, antes que formem sementes. Mas verifique primeiro se elas não são comestíveis ou medicinais. Se forem, deixe que elas façam parte do jardim e aproveite-as.

Jardins para serem vistos: o poder da cor

*Na escuridão encontro o Ser de Deus
No rubor da rosa sinto a fonte da vida
No azul do éter repousa o anseio do espírito
No verde da vida respira o respirar da vida toda
No amarelo dourado reluz a transparência do pensar
No vermelho ígneo se arraiga a força do querer
Na branca solar se revela o cerne do meu ser.*

(Rudolf Steiner, 1861-1925; apud KOLLERT, 1992:82)

Para quem tem o sentido da visão, as cores são a essência da paisagem. Mesmo as formas e volumes, que constroem a estrutura do espaço, são percebidos pelos contrastes e nuances de coloração que exibem. Saber alguma coisa sobre as sensações que as cores despertam pode nos ajudar a criar um projeto bem sucedido.

Como tudo o que é perceptível, a reação de uma pessoa diante de determinada cor depende de suas experiências de vida, seu temperamento, suas crenças, sua cultura, da época e do lugar em que vive. Portanto, não há como generalizar. O que segue é relato das sensações mais comuns, aquelas sentidas por grande número de pessoas.

Para aprofundamento dos aspectos teóricos sobre cores, há leituras muito interessantes. Citarei algumas. WHELAN (1997) trata das cores na criação artística. ROUSSEAU (1980) faz uma abordagem predominantemente enfocada na Física, original e pitoresca. KOLLERT (1992) explora o assunto com base, especialmente, na contribuição de Goethe.

CLARK & MARTINE (1976) e SUN & SUN (1999) discorrem sobre as cores do ponto de vista terapêutico.

Neste texto curto, não entrarei em teoria sobre cores. Citarei apenas que uma das classificações as dividem em quentes e frias, de acordo com a sensação de temperatura que provocam. As cores quentes são vermelho, laranja e amarelo. São consideradas frias o azul, o verde e o violeta. Marrom, branco, preto e cinza são chamados neutros, porque se harmonizam com qualquer outra cor. Para simplificar, chamarei de cores mesmo aquelas que não são, a rigor, assim consideradas, como o branco e o preto.

Na paisagem, o equilíbrio entre cores quentes e frias leva a um efeito agradável e harmonioso. Pode-se até aumentar o efeito de profundidade com uso de cores, porque as quentes dão a impressão de proximidade, e as frias, de distanciamento.

Um dos aspectos mais interessantes sobre cores é seu efeito psicológico, que pode ser usado para tornar os ambientes humanos mais agradáveis e atraentes.

Bamz, citado por DIAS (2003), pesquisou a preferência por cores de acordo com a faixa etária. Em geral, crianças e jovens preferem cores quentes, e a preferência por cores frias manifesta-se depois dos 30 anos. Uma criança percebe menos a luz azul que uma pessoa idosa.

Comentarei brevemente, em seguida, os efeitos mais comuns que as cores exercem sobre as pessoas.

Branco

É associado com o bem, a pureza, calma, luz, paz. Entretanto, para alguns povos orientais, representa a morte e o luto.

Embora seja considerado neutro em composições cromáticas, o branco destaca-se fortemente em ambientes naturais ou espaços ajardinados, pelo acentuado contraste que cria com o verde da vegetação e o marrom de troncos, galhos e terra. Por isso, quando se pintam troncos, guias e outros elementos de jardins, o branco da pintura é percebido primeiro, ofuscando o efeito da paisagem.

Quando se manifesta na vegetação natural, entretanto, torna-se um elemento atrativo, especialmente em grandes espaços. Quem não fica deslumbrado ao ver um ipê-branco florido?

Preto

No mundo ocidental, o preto é a cor do luto e tem sido associado com o mal, o perigo, o medo e a morte. Curiosamente, no vestuário feminino, pode ser muito atraente e elegante.

Considera-se que o preto é raro na natureza, mas não é esta a minha opinião. O feijão preto, as jabuticabas, as sementes e frutos de tantas outras espécies, a pelagem dos magníficos

cavalos de Sevilha e dos injustiçados gatos pretos, os olhos e cabelos de um tipo de beleza personificado por Iracema, as asas da graúna e tantas outras maravilhas produzidas pela natureza demonstram que ela não desprezou a atratividade do preto. Já vi até flores com listas pretas no Cerrado paulista de Cajuru e flores inteiramente pretas de uma espécie de Araceae – estas sim, raridades.

É no contraste que o preto faz com outras cores que está o seu encanto. Efeitos de luz e sombra trazem magia à paisagem. A Figura 2 mostra um desses momentos mágicos.



Figura 2. Conjunto de palmeiras no jardim do Museu Navarro de Andrade, em Rio Claro, SP.
Foto de Maria Esmeralda Demattê, 2000.

Cinza

Mistura de preto com branco, o cinza é considerado por muitos como uma cor triste e inexpressiva.

É, entretanto, calmante, e pode ser muito útil em jardins de hospitais, especialmente os destinados ao tratamento de doenças mentais e problemas psiquiátricos. Não interfere no efeito das outras cores, mas pode valorizá-las, sem criar contrastes fortes.

Exemplos de plantas que exibem bela tonalidade cinza são a cinerária (*Senecio cineraria* DC.), planta herbácea, e as árvores acácia-mimosa (*Acacia podalyriifolia* A. Cunn. ex G. Don) e eucalipto-cinérea (*Eucalyptus cinerea* F. Muell. ex Bentham).

Vermelho

Entre todas, é a cor mais quente e mais estimulante. É muito atraente, tanto que, no reino animal, ajuda os machos – em geral, aves – a conquistarem as fêmeas.

Por outro lado, muitos animais temem esta cor, que associam ao perigo, principalmente quando em conjunto com preto. Considera-se que, ao longo da evolução, animais que exibem essa combinação de cores, como a cobra coral, tiveram mais chance de sobrevivência, porque eram evitados por seus possíveis oponentes. No subconsciente humano, o vermelho também alerta para o perigo, talvez por ser a cor do sangue e do fogo. A combinação vermelho e preto está associada com o mal e o perigo de morte.

*Pelos campos, pelo vento,
égua negra, lua rubra,
a morte me está espreitando
de lá das torres de Córdoba.*

(“Canción de Jinete”, García Lorca, 1899-1936)

No entanto, o vermelho é a cor predileta da maioria das crianças. Quando em pequena proporção em relação às demais cores, agrada também aos adultos, trazendo uma evocação da infância.

Em nossa cultura, grande quantidade de vermelho é considerada vulgar, provocativa ou agressiva, porque a cor é associada ao pecado. Na verdade, em excesso, tem efeito irritante. É também a cor representativa de poder, rebeldia e paixão.

Em jardins, destaca-se fortemente, porque seu contraste com o verde é o mais intenso existente entre cores. Por isso, um pouco de vermelho alegra e embeleza qualquer jardim.

Flores vermelhas, em geral, são as primeiras a serem notadas em um conjunto. São elementos preciosos em jardins para crianças, que tanto gostam delas, e para pessoas idosas, porque as estimulam.

Em jardins de hospitais, o vermelho é benéfico para pacientes deprimidos, mas deve ser evitado para pessoas emocionalmente perturbadas, excitadas e com comportamento violento.

Rosa

O tom rosa, que é a mistura de vermelho e branco, tem uma conotação mais amável e romântica que o vermelho. É associado às mulheres, meninas e jovens, ao amor e ao otimismo.

Flores róseas são ótimas na composição de jardins para idosos e jardins de hospitais, porque, além de serem muito apreciadas, transmitem sensação de afeto e aconchego, e ajudam a superar a melancolia.

Alaranjado

Cor quente, é estimulante e alegre, porque associada à luz, energia e vitalidade.

Tons alaranjados em espaços ajardinados criam pontos de interesse e ajudam a superar estados depressivos ou de medo. Podem também inspirar uma sensação libertadora e despertar criatividade. O uso desta cor é, portanto, indicado para jardins de convalescentes, e também para idosos, porque produz sensação de rejuvenescimento.

Em excesso, esta cor, assim como o vermelho, pode piorar o estado de pessoas nervosas.

Amarelo

É cor quente, visível à distância, luminosa, alegre, estimulante para o corpo e a mente.

Um ditado popular do meu tempo de criança externava um preconceito contra esta cor: “*Se não fosse o mau gosto, que seria do amarelo?*” Isso hoje está superado, mas talvez venha daí a idéia de que as pessoas que preferem o amarelo são originais, espontâneas, criativas e bem-humoradas.

O amarelo é a cor mais freqüente das flores da vegetação brasileira. Sendo menos agressivo que o vermelho, pode ser usado em quantidade um pouco maior em jardins.

Nos de hospitais, ajuda pacientes amedrontados, deprimidos, angustiados, estressados ou com apatia. Entretanto, não é aconselhável para pacientes muito agitados, ou que sofrem de insônia ou alucinações.

Em espaços públicos onde se desenvolvem atividades artísticas e culturais, o uso do amarelo estimula a criatividade, alegria e cordialidade.

O amarelo-limão tem as mesmas propriedades, atenuadas pelo tom ligeiramente esverdeado, mais repousante.

Verde

Simboliza a esperança, a saúde, a fertilidade, a segurança, o equilíbrio, a mocidade.

É calmante e repousante. Ajuda a superar a insônia, o cansaço, o stress, as doenças nervosas, a irritabilidade, a melancolia, os traumas e até mesmo tensão muscular. Os tons claros beneficiam mais as pessoas emocionalmente perturbadas, ao passo que os tons intensos e mais escuros são estimulantes. O verde-azulado também é tranqüilizante.

Cor presente em diversas tonalidades na folhagem da vegetação, o verde está associado à sensação de umidade, frescor, contato com a natureza, paz, serenidade.

Na natureza, o verde, por sua presença constante, é pouco percebido e chega a funcionar como cor neutra. Mesmo assim, exerce seus efeitos benéficos.

Tenho uma amiga que não gosta de verde. Ela chega a sentir enjôos quando fica em ambiente com piso ou paredes verdes, e não usa roupa verde de modo algum. Mas o verde da vegetação não a incomoda, ela o percebe de outro modo, e gosta. Esse é um dos enigmas que encantam a minha vida.

Azul

É uma cor fria, associada ao céu, à água e a montanhas distantes. Produz sensação refrescante, impressão de movimento para longe e de aumento dos espaços.

O azul está associado ao sentimento religioso. Está presente nas vestes das divindades femininas desde tempos remotos, e nas de Maria, mãe de Jesus. Traz, por isso, calma para as inquietações e sensação de afeto, confiança, serenidade, paz. Seu efeito relaxante é ainda maior que o do verde.

Cor muito apreciada, causa ainda mais admiração na paisagem e nos jardins, porque, em nosso país, são raras as flores azuis. Produz belo contraste com amarelo e alaranjado. Em combinação com vermelho, sem diminuir-lhe a força, suaviza a composição.

O uso de azul é apropriado para jardins destinados a meditação. Estimula a intuição e aguça a sensibilidade. Ajuda as pessoas agitadas e hiper-ativas a relaxarem.

Em jardins de hospitais, auxilia a convalescença de pacientes em recuperação de traumas físicos ou emocionais, e o tratamento de pessoas com comportamento violento ou obsessivo, e das que sofrem de insônia, ansiedade ou angústia. Por outro lado, o excesso de azul pode agravar casos de apatia ou depressão.

Tive uma aluna que ficava deprimida quando via hortênsias.

Violeta ou roxo

É considerado triste, fúnebre e associado à dor. No catolicismo, o roxo é usado nas cerimônias religiosas durante o período da Quaresma e evoca a tortura e morte de Jesus. A cor também é muito usada em velórios.

Há conotações não depressivas do roxo, mas também místicas. Ele é ligado à espiritualidade, intuição, transmutação, elevação moral, à profundidade, ao mistério, ao oculto, à magia. Emocionalmente, pode trazer saudade e melancolia, mas também pode ser calmante e sonífero para pessoas nervosas e agitadas.

Poucos preferem o roxo, e estes, em geral adultos, são considerados excêntricos e apreciadores do insólito.

Classifica-se o roxo como cor fria, mas não o percebo assim. Para mim, é uma cor muito extremamente atrativa, que mostra o vermelho que a compõe dentro do azul. Considero-a fascinante, mágica, inspiradora, ligada a uma dimensão mais profunda do que a que sou capaz de ver.

Por causa de ser desagradável para a maioria das pessoas, o roxo não deve ser usado em grande proporção nos jardins. Entretanto, em pequenas proporções, quase escondido, valoriza a composição. Nos planos mais distantes de espaços grandes, produz ilusão de maior distanciamento com delicadeza e requinte.

Em sua tonalidade clara, o lilás, pode ser usado com maior liberdade, porque é, geralmente, percebido mais como rosa do que como roxo. O lilás está muito presente na flora brasileira, especialmente em orquídeas, flores dos campos e de árvores.

Púrpura

Cor entre o vermelho e o roxo, causa forte impressão. É associada ao poder e à autoridade. Em jardins, chama imediatamente a atenção, e seu efeito, antidepressivo, é mais belo quando a cor não é usada em excesso.

Marrom

Muitos povos orientais acreditam que o marrom traz má sorte. Muita gente, em nosso meio, também pensa assim. Mas não é marrom a terra que nos alimenta, a madeira, a pele de Xangô, o chocolate, o cravo e a canela? Não é a cor dos olhos e cabelos de tantos de nós?

Mesmo sendo sóbrio e discreto, cor neutra que combina com todas as outras, o marrom transmite impressão de força.

Assim como o verde, é uma cor muito presente na natureza. Suas muitas tonalidades nos troncos, galhos e pedras realçam as formas e volumes da paisagem. Se, por um lado, a

terra nua nem sempre é agradável de se ver, porque sabemos que o solo precisa ser protegido por vegetação, por outro lado, os tons terrosos são aconchegantes e transmitem sensação de segurança, por sua ligação subconsciente com o primitivo e as raízes culturais.

Em jardins, elementos de madeira e de cerâmica proporcionam esse aconchego.

Jardins para serem sentidos

“Os sentidos não enganam, é o juízo que engana.”
(J. W. von Goethe, 1749-1832; apud KOLLERT, 1992, p.20.)

Têm sido chamados de jardins sensoriais aqueles que despertam todos os sentidos. São compostos por plantas agradáveis ao tato, ervas aromáticas, flores que se destacam pelo perfume e sons produzidos pelo balanço de folhagens e bambus, pelas águas que correm nas fontes, pelos sinos de vento e por pedrinhas e capins que recobrem os caminhos.

Inicialmente, foram criados para deficientes visuais. Passei, há alguns anos, por uma experiência fantástica. Em uma exposição, visitei um desses jardins ali montado. Entrava-se com os olhos vendados. Andei por um caminho ladeado por cordas, ia tateando em plantas e outros elementos. Folhas roçavam meu rosto, e eu sentia perfumes diferentes enquanto caminhava. De repente, ouvi o murmúrio de água, e isso me fez chorar de emoção. Antes, eu nunca havia chorado ao ver um jardim. Nunca havia imaginado a força dos outros sentidos.

Hoje, os jardins sensoriais são usados tanto por portadores de deficiência física como por outras pessoas. Os médicos e educadores descobriram que esses jardins podem estimular e acalmar crianças com dificuldades de aprendizagem e idosos que sofrem de demência.

Além da escolha de plantas e outros elementos, o projeto deve prever pisos e espaços adequados para cadeiras de rodas, conforto térmico e recantos para repouso. Canteiros e floreiras devem estar ao alcance das mãos de pessoas sentadas ou de pé, assim como as versões em braille de placas contendo informações sobre as plantas.

São plantas aromáticas: alecrim, alfavaca, camomila, cravo, erva-dos-gatos, funcho, gardênia, gerânio, hortelã, jasmim, lilás, madressilva, manacá-de-cheiro, manjeriço, manjerona, orégano, sálvia-de-tempero, tomilho, violeta-perfumada e muitas outras.

Entre as plantas agradáveis ao paladar, estão alecrim, cebolinha, funcho, hortelã, manjeriço, manjerona, orégano, salsa, sálvia-de-tempero, tomilho, frutas e hortaliças.

Exemplos de plantas percebidas intensamente pelo tato são cavalinha, confrei, espada-de-são-jorge, língua-de-boi (*Gasteria* sp.), capins e troncos de árvores. Em pequenos tanques, água e plantas aquáticas são um deleite para o tato. Esculturas com materiais de diferentes texturas atraem tanto pela percepção da superfície, como da forma. Plantas também podem ter a função de escultura (Figura 3).

Para ouvir, há o farfalhar de capins e copas de árvores, o crepitar de frutos secos ao se abrirem, o vento na folhagem e em móveis que podemos colocar em lugares onde seja melhor seu efeito, a água em movimento, o canto das aves.



Figura 3. Efeito escultural de árvores e palmeiras. A: tronco de tipuana no Campus da FCAV/Unesp, em Jaboticabal, SP, 1999; B: estipes de palmeiras-imperiais no Clube Náutico de Araraquara, SP (projeto de Luiz Antonio Ferraz Matthes), 2002; C: tronco e raízes de figueira na Praça Joaquim Batista, em Jaboticabal, SP, 2002. Fotos de Maria Esmeralda Demattê.

Jardins para crianças

“Quem acumula muitas recordações felizes em sua infância está salvo para sempre.”

Dostoievski (1821-1881)

Tanto quanto o *play-ground* colocado no espaço destinado a elas, as crianças amam flores coloridas, borboletas, passarinhos, outros bichinhos, frutinhas, terra e água.

A impressão que as flores causam em crianças pode ser tão marcante a ponto de acompanhá-las para sempre. Na última palestra que Roberto Burle Marx deu em sua vida, em 1993, no Campus de Jaboticabal da Unesp, começou contando como se tornou paisagista. Disse que, quando tinha quatro anos, sua família mudou-se para o Rio de Janeiro. No pequeno jardim da casa onde passaram a morar, sua mãe plantou rosas. Quando elas se abriram, o menino Roberto ficou tão deslumbrado que pressentiu e decidiu que sua vida seria dedicada a criar jardins.

Um jardim para crianças começa com flores de todos os tons, especialmente de plantas herbáceas de pequeno porte, perto da superfície do solo, para serem melhor percebidas. Flores de ciclo anual são as mais interessantes, porque podem ser observadas desde o nascimento até a produção de novas sementes em curto período de tempo, e permitem renovação freqüente da aparência dos canteiros, se as espécies que já secaram forem substituídas por outras diferentes, tendo-se o cuidado de repetir algumas, para mostrar a continuidade da vida.

Frutos comestíveis, além de seu interesse evidente, oferecem oportunidade para ensinar às crianças que só se pode comer o que já aprendemos que não é venenoso. Moranguinhos são lindos, deliciosos e estão ao alcance das mãozinhas; podem ser cuidados pelas próprias crianças.

Bosques com árvores frutíferas de pequeno porte são extraordinariamente atraentes na infância. O prazer de subir no tronco, colher a fruta no pé e saboreá-la é inesquecível, e vem acompanhado de uma estimulante sensação de estar ousando fazer algo muitos não aprovariam, de estar pulando o muro do paraíso.

*Junto à minha rua havia um bosque
que um muro alto proibia.
Lá todo balão caía
toda maçã nascia
e o dono do bosque nem via.*

(“Até Pensei”, Chico Buarque de Hollanda, 1968)

A água pode estar em pequenos tanques bem rasos, bacias ou piscinas de fibra especiais para crianças. Areia satisfaz a necessidade de brincar com terra, com a vantagem de não sujar e, quando úmida, permitir moldagem de belas esculturas. Mas é também muito bom permitir que as crianças mexam com a terra dos canteiros, ensinando-as a semear e cuidar das plantinhas que nascem. Para isso, consiga sementes produzidas no próprio

jardim ou em algum lugar conhecido, porque as sementes compradas no comércio são tratadas com produtos venenosos.

Sobre borboletas e passarinhos, comentarei alguma coisa em seguida.

Jardins de borboletas

Para atrair borboletas, um jardim precisa de água e de flores durante o ano todo. Elas procuram água para beber e flores para retirar o néctar que as alimenta.

As flores que mais atraem borboletas são as de cores amarela, alaranjada, vermelha ou rósea. Além da cor, elas devem ser capazes de produzir grande quantidade de néctar. A forma da flor também é importante: para facilitar o pouso de borboletas, as melhores flores são as que se reúnem em cachos curtos, as de forma tubular e as com muitas pétalas.

Exemplos de plantas visitadas por borboletas são: *Ageratum* spp., *Ajuga* sp., *Asclepias* sp., *Calliandra* spp. (esponjinha), *Chorisia speciosa* (paineira), *Chrysanthemum* spp. (margaridas, crisântemos), *Daucus carota* (cenoura), *Eupatorium* sp., *Euphorbia pulcherrima* (bico-de-papagaio), *Helianthus* spp. (girassol), *Hibiscus rosa-sinensis*. (hibisco de flores róseas), *Impatiens walleriana* (beijo), *Lantana camara* (lantana ou cambarazinho), *Pseudobombax grandiflora* (embiruçu), *Salvia* spp. (sálvia), *Tagetes patula* (cravo-de-defunto), *Verbena* spp. (verbena), *Vernonia* spp. (assa-peixe), *Viola odorata* (violeta-perfumada). Grama não aparada também é atrativa para borboletas.

Não vamos esquecer que as borboletas são lagartas transformadas, e que põem ovos que dão origem a lagartas. Assim como muitas crianças, acho as lagartas fascinantes, mas a maioria dos adultos não compartilha desse gosto. Como consolo, informo que onde há borboletas, não é inevitável que haja lagartas. Cada espécie de borboleta prefere um tipo de planta para alimentar suas larvas e, muitas vezes, coloca seus ovos em outros lugares que não o jardim onde ela come e bebe água. Se você quiser apenas borboletas, e não lagartas, não coloque em seu jardim plantas que as lagartas adoram: carambola, couve, goiabeira, maracujá, tomate.

Mas também não vamos esquecer que as lagartas são uma das comidas prediletas de passarinhos, e os atraem para o jardim.

Jardins para passarinhos

Além de nos alegrarem com seu canto e de nos encantarem com sua graça e colorido, os pássaros têm funções ecológicas fundamentais: polinizam flores, possibilitando o desenvolvimento dos frutos; alimentam-se de insetos e lagartas que atacam as plantas cultivadas; levam sementes de um lugar para outro, disseminando espécies vegetais.

Algumas plantas atraem passarinhos porque eles comem seus frutos: alfeneiro, amoreira, aroeira-pimenteira, candiúba, embaúba, falsa-murta, figueira, ingá, jabuticabeira, magnólia-amarela, palmeiras de frutos mais moles, pau-viola, pitangueira,

sapoti, tarumã e muitas outras. As que têm flores ricas em néctar, como cássia-imperial, eritrina-candelabro, guarantã, ipê-amarelo, paineira, pata-de-vaca, quaresmeira e suinã, também são muito procuradas por passarinhos, incluindo os beija-flores. FRISCH & FRISCH (1995) escreveram um lindo livro sobre jardim para beija-flores.

Entre as árvores boas para as aves fazerem ninhos estão o alfeneiro, o jaracandá-mimoso, a paineira e a tipuana.

As garrafinhas com água açucarada para atrair passarinhos não são recomendáveis. Além do risco de intoxicar as aves por excesso de açúcar, há também perigo de proliferarem fungos no orifício onde o pássaro introduz o bico. Esses fungos atacam a garganta das aves, causando sua morte por asfixia.

Bebedouros abertos não têm esse problema, mas devem conter apenas água, e esta deve ser trocada freqüentemente, para evitar a criação de larvas de *Aedes aegypti*, mosquito transmissor de dengue.

As bromélias atraem pássaros fornecendo-lhes néctar e água. Para evitar a possibilidade de *Aedes* usá-la como criadouro, irrigue as bromélias por aspersão forte, como a de mangueira de borracha, a cada dois ou três dias, o que provocará a troca de água do “tanque” da planta.

Em espaços pequenos onde não é possível ter muitas plantas, ofereça pedacinhos e cascas de frutas. Além de serem comidos diretamente, os restos criarão larvas, um ótimo alimento natural para passarinhos.

Jardins para idosos

Conforto, utilidade, encanto e memória são os principais atributos de um jardim destinado a pessoas idosas.

Como em qualquer jardim, o conforto é indispensável. Frescor, ambientes sombreados entremeados às áreas ensolaradas, caminhos agradáveis de pisar, bancos bem distribuídos, água potável, todos precisam disso num jardim. Os idosos, além dessas coisas, precisam também de instalações sanitárias bem próximas.

Como, geralmente, gostam de praticar Jardinagem, os canteiros devem ser elevados de modo que possam trabalhar neles sem se curvar. Floreiras e vasos na altura apropriada também são uma boa alternativa.

A experiência dos idosos leva-os a valorizar muito a utilidade das plantas. Por isso, plantas comestíveis, condimentares e medicinais despertam seu interesse de modo especial. Essas plantas podem e devem ser incluídas nos jardins a eles destinados. Em DEMATTÊ & COAN (1999), é desenvolvido o tema de jardins com plantas medicinais. Sobre plantas comestíveis, elas não são apenas frutas, hortaliças e condimentos. Há também flores de lindo efeito que podem fazer parte de saladas, como amor-perfeito, calêndula e capuchinha.

Tanto quanto as crianças, os idosos encantam-se com flores coloridas, borboletas e passarinhos no jardim, e plantas aromáticas, quase sempre, os estimulam.

Elementos que recordem sua infância e mocidade ajudam-nos a manter sua identidade. É o que chamei de memória neste tipo de jardim. Plantas já esquecidas, mas populares em outros tempos, o canto de um pássaro, um elemento do passado que foi conservado (Figura 4), mesmo um aroma, podem levá-lo, como por magia, de volta ao passado perdido. De Manuel Bandeira (1886-1968), no poema Velha Chácara, escrito em 1944, falando de um lugar em que morava aos oito anos:

*“Não existe mais a casa...
- Mas o menino ainda existe.”*

(Fonte: BANDEIRA, M. **Estrela da vida inteira**: poesias reunidas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966:26-30).



Figura 4. Escultura e luminária antigas no Passeio Público, Rio de Janeiro. Foto de Maria Esmeralda Demattê, 2000.

Jardins de hospitais

Dependendo do tipo de enfermidade do paciente, varia o projeto de jardim que o irá beneficiar. Um hospital que trata de diversos problemas de saúde precisa de diferentes espaços ajardinados, adaptados a cada grupo específico de pacientes.

Além de conforto e harmonia, a cor, como já foi comentado, exerce um efeito importantíssimo em jardins de hospitais.

O rosa e tons claros de azul, violeta, cinza e amarelo, emoldurados pelos diversos tons de verde da folhagem, acalmam e ajudam a recuperação de convalescentes. Para pacientes deprimidos ou apáticos, o jardim deverá ganhar maior proporção de cores quentes, especialmente o alaranjado e o amarelo intenso, com um pouco de vermelho e púrpura.

No caso de pacientes nervosos, irritados ou com comportamento violento, elimina-se o vermelho da composição. Grande proporção de tons suaves de azul e verde devem integrar o jardim para esse grupo de pacientes. Entre as cores não frias, o rosa, em pequena proporção, é o mais indicado.

3. Um comentário final

Conhecer a fundo as propriedades e características de cada elemento usado na composição do jardim é indispensável ao paisagista, para que ele possa prever seu efeito e suas transformações. Adquirir esse conhecimento é tarefa que exige tempo e esforço, mas sobretudo, amor. E só o jardim feito com amor poderá vir a ser um lugar de delícias.

Pudéssemos nós amar a natureza tanto como a amava Francesco Bernardone!

*Louvado sejas, meu Senhor,
pela nossa irmã e mãe terra,
que nos alimenta e governa
e produz variados frutos
e coloridas flores e ervas.*

*(Trecho do "Cântico do Irmão Sol", escrito em 1225 por São Francisco de Assis, 1182-1226. Apud DOYLE, E. **Francisco de Assis e o cântico da fraternidade universal**. São Paulo: Edições Paulinas, 1985. p.53-55)*

BIBLIOGRAFIA

BURG, I. C.; MAYER, P. H. **Alternativas ecológicas para prevenção e controle de pragas e doenças**. 10.ed. Francisco Beltrão: ASSESOAR/Grafit, 2000.

CHURATA, C. M.; DEMATTÊ, M. E. S. P. *A caminho do jardim sustentável*. In: ENCONTRO NACIONAL SOBRE EDIFICAÇÕES E COMUNIDADES SUSTENTÁVEIS,

3., 2003, São Carlos. **Anais...** São Carlos: Universidade de São Paulo / Universidade Federal de São Carlos, 2003. (CD Rom).

CLARK, L.; MARTINE, Y. **A vibração das cores**. São Paulo: Pensamento, 1976.

DE ANGELIS, B. L. D. **A praça no contexto das cidades: o caso de Maringá – PR**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Instituto de Geografia. Tese de Doutorado em Geografia, 2000.

DEMATTÊ, M. E. S. P. **Princípios de paisagismo**. 2.ed. Jaboticabal: FCAV-Unesp / Funep, 1999.

DEMATTÊ, M. E. S. P. *Controle alternativo em plantas ornamentais e medicinais*. **Agroecologia Hoje**, Botucatu, n.21, v.4, n.21, novembro/2003, p.25-26.

DEMATTÊ, M. E. S. P.; COAN, R. M. **Jardins com plantas medicinais**. Jaboticabal: FCAV-Unesp / Funep, 1999.

DIAS, L. **Apostila sobre cores**. Acessível em: <<http://www.csonlineunitau.com.br/PP/cores2.doc>>. Acesso em: 15/11/2003.

ENGE, T. O.; SCHRÖER, C. F. **Garden architecture in Europe: 1450-1800**. Köln: Taschen, 1992.

FRISCH, J. D.; FRISCH, C. D. **Jardim dos beija-flores**. São Paulo: Dalgas-Ecoltec Ecologia Técnica, 1995.

FURLAN, M. R. **Cultivo de plantas medicinais**. Cuiabá: SEBRAE/MT, 1998.

JELICOE, G.; JELICOE, S. **El paisaje del hombre: la conformación del entorno desde la prehistoria hasta nuestros días**. Barcelona: Gustavo Gili, 1995.

JOYCE, D. (Ed.). **Garden styles: an illustrated history of design and tradition**. London: Pyramid, 1986.

KOLLERT, G. **O cosmo das cores**. São Paulo: Religião & Cultura, 1992.

LAURIE, M. **An introduction to landscape architecture**. London: Pitman, 1978.

MACEDO, S. S. **Quadro do paisagismo no Brasil**. São Paulo: FAUUSP, 1999.

MACEDO, S. S.; SAKATA, F. G. **Parques urbanos no Brasil: Brazilian urban parks**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002. (Coleção Quapá).

ROBBA, F.; MACEDO, S. S. **Praças brasileiras: public squares in Brazil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002. (Coleção Quapá).

ROUSSEAU, R.-L. **A linguagem das cores: a energia, o simbolismo, as vibrações e os ciclos das estruturas coloridas**. São Paulo: Pensamento, 1980.

SEGAWA, H. **Ao amor do público: jardins no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel / FAPESP, 1996.

SITTE, C. **A construção das cidades segundo seus princípios artísticos**. São Paulo: Ática, 1992.

SUN, H.; S., D. **As cores em sua vida: a cura através das cores**. São Paulo: Madras, 1999.

WHELAN, B. M. **Color harmony: a guide to creative color combinations**. Rockport: Rockport Publishers, 1997.

WRIGHT, R. **The story of gardening**. New York: Dover, 1934.

Resumo

A necessidade humana de contato com a natureza pode ser satisfeita em jardins, que representam de modo idealizado a paisagem. O jardim é uma obra de arte que pode ser percebida pelos cinco sentidos e que se modifica com o passar do tempo, porque as plantas, entre outros diversos elementos que o compõem, são seres vivos em constante transformação. Em nosso meio e em nossos dias, os jardins, especialmente os públicos, têm sido negligenciados, trazendo como consequência o também o desinteresse da população. A idéia principal deste texto é resgatar o jardim como um lugar de encanto e deleite. Comentam-se jardins para usufruto de todas as pessoas e jardins especiais para crianças, idosos, pessoas doentes ou portadoras de deficiência.

Palavras-chave: paisagismo, paisagem natural, jardim, percepção, projeto.

Creating and re-creating landscapes: new sights, new experiences

Abstract

The human need of contact with nature can be satisfied in gardens. A garden is an idealized representation of the landscape, and a work of art that is perceived through the five senses. It changes along the time, because plants are alive and in constant transformation. Nowadays, our gardens, mainly the public ones, have been neglected. As a consequence, people also lose their interest in these open areas. The central idea unfolded in this text is to recover the garden as a place of delight. Gardens for all the people and special gardens for children, aged or diseased persons and carriers of deficiencies are commented.

Keywords: landscaping, natural landscape, garden, perception, design.

* Professora Titular Aposentada e Voluntária do Departamento de Produção Vegetal da FCAV/Unesp, campus de Jaboticabal; sócia-proprietária da empresa Churata & Demattê Ltda., especializada em Paisagismo e Agricultura Orgânica. E-mail: maria@fcav.unesp.br

DIMENSÕES DA PERCEPÇÃO E INTERPRETAÇÃO DO MEIO AMBIENTE : VISLUMBRES E SENSIBILIDADES DAS VIVÊNCIAS NA NATUREZA

Profa. Dra. Solange T. de Lima Guimarães*

Primeiro Vislumbre: a busca de uma trilha

*“Às vezes, tudo o que é preciso é a percepção das múltiplas possibilidades” -
Rachel N. Remen, 1998:88*

Marcel Proust, afirmou: *“el verdadero viaje de descubrimiento no consiste em buscar nuevos paisajes sino em tener nuevos ojos”*. Esta afirmação é muito significativa para os estudos sobre percepção e interpretação ambiental, pois permite-nos vislumbrar todas às vezes mediante a cada sucessiva experiência pessoal, uma nova e diferente forma de perceber e interpretar o mundo que nos envolve, permitindo o (re-) conhecimento de um novo contexto de realidades que asseguram ainda vivências plenas de significados, sensibilidades, de possibilidades de vida. Neste sentido, os trabalhos de Vivências na Natureza, considerados como uma forma de experienciar o meio ambiente, onde buscamos o resgate da relação Homem/Natureza e os benefícios que nela podemos encontrar, visando recuperarmos padrões aceitáveis e desejados de qualidade de vida, propiciam condições para uma observação mais consciente, mais flexível, diante dos diversos detalhes encontrados na experiência vivida, em razão das várias circunstâncias observadas, gerando transformações, retrações e expansões – construções e desconstruções no processo da apreensão das realidades ambientais, em seus contextos mais exteriores ou interiorizados, em simultaneidades e reciprocidades.

Sob certos aspectos, a reflexão destas situações leva-nos a concordar com Waisman e Shocron (2001:57), em sua obra *“EducarNos”*, quando afirmam: *“Dia a dia, nos suceden cosas...y siempre son por alguna razón y para algún fin. Vivimos situaciones de todo tipo que hacen posibles nuestros aprendizajes si estamos atentos para captar los mensajes”*, ao apresentarem novas propostas para a educação e a convivência mediante programas e projetos de Educação para a Paz, fundamentadas nas idéias de Carl Rogers (s/d), sobre aprendizados significativos ou vivenciais, e de Jaime Barylko (1999), sobre educar através de valores. Estarmos atentos, estarmos em sintonia, estarmos em conexão e sinergias – talvez estas sejam as chaves para despertar as pessoas para as inúmeras possibilidades que o meio ambiente oferece a cada dia, ainda que diante de limitações de ordem biológica, física, psicológica, social e econômica, incitando-nos a prosseguir, a demarcar novas trilhas em paisagens que seguramente nos conduzirão a uma viagem ao encontro de nós próprios e do outro.

Na busca de uma trilha nos anos 80 e 90, sob a orientação da Profa. Dra. Livia de Oliveira, desenvolvemos nossos estudos teóricos no campo da Percepção e

Interpretação Ambiental pelas abordagens da Geografia Humanística. Trilhas pelas paisagens do “*Grande Sertão: Veredas*”, de Guimarães Rosa, e pelas paisagens demarcadas pelos “*patrins*” ciganos fizeram parte do mapeamento destes caminhos. Universos de percepções diferenciadas em uma história de vida que também foi marcada desde seu início pela conciliação/adaptação de diferentes visões de mundo: uma vida inteira aprendendo a conviver e transitar entre dimensões e códigos culturais diversos, fragmentando-se ou não, mas sobrevivendo em meio e diante de paisagens atávicas, estimulada e encantada pela riqueza existente na pluralidade, ainda que muitas vezes de modos paradoxais, complicados. Perceber e Interpretar a paisagem: um exercício sobre a conjugação destes verbos em todos os seus tempos e modos. Renitência e resistência para viver.

No tocante às atividades aplicadas e relacionadas à Gestão e Educação Ambiental e à Educação para a Paz, estas tiveram seu início durante a década de 90, tanto nas atividades acadêmicas desenvolvidas durante a coordenação do Núcleo de Extensão de Serviços à Comunidade do Centro de Estudos Ambientais, da Universidade Estadual Paulista (CEA-UNESP), campus de Rio Claro, (São Paulo/BR), como também com grupos de trabalhos interdisciplinares formado por profissionais brasileiros e estrangeiros, onde passamos por treinamentos e experiências que proporcionaram um aprendizado muito rico tanto em conteúdos teóricos como nas oportunidades de relacionamentos pessoais e culturais, além das práticas de campo, onde apesar das diferenças havia um alto grau de sinergia, de identificação, de ideais, de convivências.

Desta forma, o desenvolvimento de trabalhos voluntários foi o caminho encontrado pelo grupo na época para a consecução dos objetivos e metas propostos, sendo realizadas viagens ao exterior e programas destinados à infância : (1) sobreviventes de guerras civis e crianças escravizadas; (2) vítimas de desastres ambientais naturais ou tecnológicos, e, (3) com menores abandonados em áreas metropolitanas; ou seja, regiões e áreas geográficas que se apresentavam não só fragilizadas, mas como também ofereciam graves riscos e problemas, além de sérios conflitos, diante de insuficientes processos de organização civil locais no sentido de mitigar as conseqüências psicossociais, políticas, ecológicas, sócio-econômicas, culturais, sanitárias entre outras, resultantes das várias conjunturas.

Foram organizados e realizados programas com atividades em várias partes do mundo: África do Sul, Norte da África, Angola, Israel, América do Sul (países andinos), São Paulo, Argentina, etc. Tais programas abrangeram muitas ações e atividades, sempre direcionadas à infância e à família, abrangendo desde aspectos voltados à conservação e utilização racional de recursos naturais, como aquelas envolvendo situações relacionadas à inclusão social, assistência educacional, médica, psicológica e social para a infância; ou a construção de agrovilas e poços de água potável em áreas rurais distantes de centros ou povoados urbanos, em esquemas de mutirões do tipo “trabalhando em férias”, onde vários profissionais e religiosos de diferentes credos e áreas geográficas

concordaram em formar uma rede de trabalhos conjugados em prol de melhorias locais e regionais, somando os esforços de muitos trabalhos virtuais e presenciais.

A respeito dos trabalhos em campo durante este período, torna-se necessário dizer que as equipes eram formadas conforme as necessidades apresentadas pelas comunidades locais, sendo os deslocamentos cobertos por fundos assistenciais internacionais ou pelos próprios voluntários, entretanto, o que mais moveu-nos em todos os momentos foi que uma parte de nós ficava sempre para trás e uma parte dos lugares ficava em nós, de maneira indelével, ensinando-nos sobre uma nova percepção de distância/presença que transformou-nos para sempre, seja em relação aos valores ou aos juízos a respeito do mundo vivido. Em relação a este período, o título de um conhecido romance de Richard Bach, acabou virando a chave de memória: *“longe é um lugar que não existe”*...

Posteriormente, ainda nos finais da década de 90 e em 2000, os trabalhos continuaram, porém, havia uma pedra no meio do caminho (como diria um poeta!) que levou-me mais uma vez a explorar outras trilhas de trabalho voluntário e em equipes, sob uma outra perspectiva, por intermédio das redes virtuais, através da elaboração de programas de sensibilização visando a conservação do meio ambiente mediante mensagens semanais enviadas pela internet, denominadas *“Nós e a Terra”*, ou *“Gotinhas Ambientais”*, dirigidas a grupos específicos. A experiência foi iniciada em parceria com a UNIMED de Rio Claro que contatou-nos para a implantação de um programa de Educação e Qualidade Ambiental, sendo mais tarde criado o grupo interno de monitores ambientais que no último ano graças às suas ações coordenadas com outras equipes atuantes na empresa e o Projeto OLAM ganhou o Prêmio *Top of Mind* da unidade local, compreendendo os municípios de Rio Claro e Santa Gertrudes (SP). Atualmente as mensagens *“Nós e a Terra”* são enviadas a uma rede virtual abarcando instituições e empresas públicas e privadas, grupos escoteiros, de terceira idade e de contatos pessoais, no Brasil e exterior.

Ainda durante o período compreendido entre 1990 e 2003, em relação ao uso da trilha interpretativa da Natureza como um instrumento de integração psicossocial e de educação ambiental foram desenvolvidos programas especiais, atendendo as seguintes demandas: (1) trilhas para deficientes físicos e visuais; (2) para pessoas submetidas a tratamentos psicoterápicos; (3) terceira idade; (4) instituições públicas e particulares; (5) vivências na Natureza; e, (6) treinamento e capacitação de monitores e educadores ambientais em áreas protegidas. Os resultados revelaram dados qualitativos valiosos sob os aspectos da experiência ambiental, e poderíamos afirmar que os trabalhos realizados com crianças deficientes foram marcantes para nós, pois um simples passo ou movimento tornavam-se uma promessa de possibilidades. (LIMA, 1998; GUIMARÃES, 2001)

No início de 2000, eu mesma vivenciava problemas de deficiências de locomoção devido à dor crônica, fato que propiciou uma nova oportunidade de estudo e experiência no campo da percepção ambiental, levando-me à compreensão de alguns limites na relação entre a pessoa e seu entorno: como entender realmente

a “aventura” de atravessar uma rua movimentada? Como conviver com escadas, passeios públicos inadequados, degraus em uma arquitetura urbana que leva à exclusão e a limitações no cotidiano de uma pessoa? Como reaprender a viver e a perceber os mesmos espaços de antes sob novas perspectivas: movimentos, velocidades, deslocamentos? Agora posso dizer que sei o que estas limitações representam para o desenvolvimento de nossas mais singelas atividades diárias. Através das limitações descobrimos relações de coincidências e de complementaridades solidárias **entre e com** outros grupos humanos; aprendemos a perceber, experienciar e a interpretar realidades da realidade, vivenciar paisagens na paisagem.

Nestes tempos, o contato com centros e trabalhos que desenvolvem de programas terapêuticos de estimulação multi-sensorial destinados a pessoas tanto com problemas de deficiências físicas ou mentais, bem como outros tipos de problemas neuro-psicológicos e reumatológicos, a exemplo dos trabalhos com golfinhos realizados há mais de duas décadas pelo Dr. David E. Nathanson, na Flórida (EUA), terapia hortícola (Canadá), eqüoterapia, entre outras experiências pontuais e/ou experimentais em diferentes instituições em nosso país e no exterior, serviram para redirecionar nossos estudos, reorganizando conteúdos teóricos, adaptando procedimentos metodológicos em campo. As experiências de Percepção, Interpretação e Educação Ambiental nas trilhas interpretativas, tornavam-se agora uma experiência de possibilidades de movimentos, de explorações, de sensações e experiências cognitivas e afetivas suficientemente capazes de proporcionar a busca de novas situações onde respeito à Natureza e a observância de valores concernentes à cooperação, solidariedade, ajuda mútua, diferenças pessoais constituíam-se as marcas e os exercícios constantes durante todas as séries de atividades.

Por estes tempos, perpassei novamente as leituras de Dardel (1952) e Naess (1972), buscando novos horizontes na paisagem já conhecida, o que levou-me a encontrar pontos de profundas convergências pertinentes à relação Homem/Meio Ambiente entre estes autores, filhos de diferentes gerações. Assim, em concordância com o ecologista John Seeds, podemos também apreender o significado de “*ser parte*”: *“em vez de ver o mundo como uma pirâmide com os seres humanos lá no topo, passamos a conceber o mundo como uma teia onde a vida está no centro . Os humanos são como um fio nesta teia. Somente somos uma folha na árvore da vida, uma entre as 10 milhões de espécies que habitam esta Terra (...) Quando pensamos no ambiente, pensamos em algo exterior, não nos damos conta que quando poluímos as águas, estamos também poluindo nosso sangue (...) . Se tivermos a experiência de ser parte do corpo maior da Terra, então a defesa da Natureza, já não é altruísmo. Converte-se em autodefesa”*.

Assim foram desenvolvidos programas destinados a deficientes visuais adquiridos e congênitos, a portadores de deficiências de locomoção, com resultados positivos e estimulantes tanto para o grupo participante como para nós, coordenadores, no que tange à descoberta de um mundo tão próximo e tão distante muitas vezes, e o

encantamento desta descoberta conjunta através da exploração dos sentidos. Ainda neste contexto de Vivências na Natureza, as trilhas interpretativas foram também destinadas a grupos que apresentavam problemas de depressão e/ou recuperação do uso de drogas, onde eram destacados aspectos voltados para a conservação do meio ambiente, associados a um resgate de valores humanos, princípios de qualidade de vida e ambiental, através de uma ambiência descontraída e uma disposição participativa, contribuindo para os processos de integração e adaptação social e repercutindo no progresso dos tratamentos médicos e psicológicos e na construção de um novo projeto ou modo de vida.

Torna-se necessário esclarecer que todos estes trabalhos devem ser realizados por uma equipe multidisciplinar de profissionais integrada por médicos, psicólogos, terapeutas ocupacionais, profissionais da área de meio ambiente (geografia, biologia, ecologia, arquitetura), etc, enfatizando que não é viável em nenhuma hipótese o trabalho por um só profissional, visto a ocorrência de situações das mais diversas ordens, correndo-se o risco de prejudicar todo um trabalho profissional, pessoal e terapêutico. As atividades de Vivências na Natureza são vistas atualmente como importantes instrumentos de humanização de terapias em várias partes do mundo e visam de forma essencial, contribuir para a qualidade de vida das pessoas, através de experiências agradáveis, que propiciam melhorias nos níveis de bem-estar e integração mediante o desenvolvimento dos programas correlacionados. Portanto, cabe também alertar aqui que não há lugar para amadorismos, o que comprometeria ética e profissionalmente a realização dos trabalhos.

Nos anos de 2002-2003, outras experiências profissionais permitiram progressos no desenvolvimento dos nossos estudos de percepção, interpretação e representação do meio ambiente. Viagens para diferentes regiões do país e para o exterior, palestras e aulas em cursos de especialização e pós-graduação da UNESP e do CRHEA/USP, a coordenação científica do Programa de Prevenção do Desperdício nos Ambientes dos Refeitórios Universitários na UNICAMP, as atividades do projeto OLAM junto a UNIMED Rio Claro, a riqueza da experiência proporcionada por trabalhos cooperativos junto ao Centro de Ciências do Ambiente, da Universidade Federal do Amazonas e o contato com a comunidade amazônica, bem como a retomada de atividades de expressão artística por meio da fotografia como forma de sensibilização para a conservação ambiental e para programas de qualidade de vida e ambiental dirigido a profissionais de instituições públicas e privadas, levaram a um novo alinhamento dos planos de vôo (isto é, de trabalhos!), fundamentados na abordagem fenomenológica, humanística e nas propostas de Educação e Valores, relacionadas à Educação para a Paz.

Este é um breve relato das experiências pessoais, trechos de minha própria história de vida. Do último período citado, uma palavra grega resume o tempo passado: *anastasis* – ressurgir, levantar-se, erguer-se, voltara à vida.

Segundo vislumbre: olhares e interpretações

“Não vemos as coisas como elas são. Nós as vemos como nós somos” - Talmude

Ao considerarmos as várias vertentes abrangidas, os estudos de Percepção e Interpretação Ambiental vêm se desenvolvendo atualmente em vários pontos do mundo, sob diferentes linhas de pesquisa e em várias áreas do conhecimento. Considerada a natureza multi e interdisciplinar destes estudos teóricos e aplicados e, principalmente, das novas abordagens graças às mudanças causadas por antigos e recentes paradigmas que transformaram muitos de nossos conhecimentos, verificamos a incorporação e a adaptação de atitudes, condutas e valores, resultando na construção de um conhecimento fundamentado na experiência, sendo catalisador de novas situações onde a complementação das áreas técnico-científicas se faz incluindo os saberes tradicionais presentes na experiência humana com o meio ambiente.

A partir dos anos finais da década de 50, e durante as décadas de 60 e 70, podemos observar estes trabalhos despontando não apenas na Geografia, mas também na Psicologia, Ecologia, Medicina, Engenharias, Arquitetura, Antropologia, etc, numa expansão que pretendeu não somente analisar a percepção ambiental sob enfoques e procedimentos metodológicos diferenciados, mas também no que dizia respeito às formas de experienciar, preferir, interpretar e adaptar-se às distintas realidades ambientais concretas ou não, enfocando as vivências ambientais sob a multiplicidade caleidoscópica das perspectivas culturais.

Em especial a partir da década de 70, temos um cenário político-social e econômico que ressaltava a significância das várias posições ambientalistas e em decorrência, das abordagens ecológicas no tocante às relações entre pessoas e o meio ambiente, buscando apreender os diversos níveis das realidades ambientais, bem como o resgate dos valores sócio-culturais atribuídos à paisagem vivida e a influência dos mesmos no desenvolvimento de atitudes, condutas e ações individuais e coletivas referentes a programas e projetos conservacionistas, propiciando a sensibilização para a busca de um meio ambiente melhor e mais justo, refletida na mudança de paradigmas e em alternativas de melhores níveis de qualidade de vida e de valores existenciais evidenciados pelos princípios da Ecologia Profunda, preconizada por Arne Naess e John Seeds e, na atualidade, por Fritjof Capra, *“a partir da perspectiva de nossos relacionamentos uns com os outros, com as gerações futuras e com a teia da vida da qual somos parte.”* (CAPRA, 2000:26). Sob esta visão, temos relações de processos e estruturas respectivas a percepção que trazem sensações de pertinência, de conexidade, de valores e de consciência, onde *“o processo de cognição [...]”* (envolvendo a percepção, emoção e ação) *“é identificado com o processo da vida.”* (CAPRA, 2000:145-146).

Os fundamentos teóricos deste ensaio foram embasados tanto nos trabalhos da Geografia Humanística, voltados aos estudos da percepção ambiental, como da Psicologia Ambiental e da Ecologia Profunda. Neste sentido, muito contribuíram os estudos geográficos da equipe de Ian Burton produzidos na década de sessenta sobre a percepção de riscos ambientais, processos de percepção, adaptação, ajustes e atribuição de valores, que também serviram de base a muitos estudos no campo da Psicologia Ambiental a partir dos anos 70 e 80, conforme Heimstra & MacFarling (1978). Na Geografia, os trabalhos de Dardel (1952); Saarinen (1968); Lowenthal (1968;1976); Whyte (1975); Dansereau (1975); Meining (1979); Tuan (1964; 1967;1971; 1974; 1977; 1978; 1979); Godkin (1977); Relph (1979), Wanderley (1997); entre outros foram de grande relevância. Também foram fundamentais os trabalhos no campo da Ecopsicologia: Abram (1995), Armstrong (1995), Barrows (1995); Conn (1991;1995); Cahalan (1995); Devereux (1989); Greenway (1995), Harper (1995); Metzner (1995); Roszak (1993;1995); Sewall (1995); Shapiro (1995); Sardello (1992). No campo dos estudos ecológicos: Álamo (1992); Seed (1988); Wilson (1993; 1997). E na área da educação: Waisman & Shocron (2001); Spiczkowski (2002); Montessori (1998).

Por estas trilhas, avançamos pelas abordagens experienciais, na investigação sobre as transformações nas atitudes, condutas e valores, desenvolvidas a partir de mudanças nas percepções e interpretações respectivas às realidades ambientais da paisagem vivida (considerando aqui tanto os referenciais egocentrados como os exocentrados), e, por consequência, nos nossos relacionamentos com o meio ambiente – um mundo de envolvências exteriores e interiores, onde *“a percepção de uma paisagem é uma questão de olhos e coração, isto é, campo de visão e campo de afeição, de olhar o espaço e sentir, topofilicamente ou não, este mesmo espaço”*. (LIMA, 1990).

Epstein (2001:68), ao discorrer sobre o significado da realidade concreta e níveis de realidade, recorda-nos que *“o indivíduo existe como a mesma pessoa em diferentes níveis de realidade ou domínios da existência, ao considerar as variadas dimensões da percepção, experiência e apreensão dos níveis de realidades (entendida vivencialmente)”*, e, portanto, reconhecida em seus aspectos objetivos e subjetivos. O autor ainda tece considerações sobre o significado da percepção sob uma perspectiva holística, analisando os estudos de Schwaller de Lubicz (1977), respectivos à cultura hebraica e à egípcia no período antigo, e de Serjourné (1967), sobre grupos indígenas norte-americanos, onde a percepção era conhecida por *“inteligência do coração”* (EPSTEIN, 2001:16).

Ao analisarmos algumas visões geográficas, sobre os vários ângulos e modos de experienciar o meio ambiente, lembramos que de todas as experiências com a paisagem, *“talvez a do inscape seja a mais importante para nós, por ser ela que dá profundidade e significado às paisagens, e que nos liga a elas, por reforçar nossa individualidade”*, (RELPH,1979:13). Em sua obra *“Place and Placelessness”*, Relph (1976), tece uma reflexão sobre o significado existencial dos lugares, partindo da relevância dos mesmos como *“centros de significados e intenções”*, tanto sob aspectos relacionados à dimensão cultural ou à individual,

associados aos significados das experiências pessoais, impregnadas de significação e valores emocionais.

As experiências ambientais ao se constituírem em “*vivências, ou seja, em fatos e acontecimentos com os quais temos contato e são tratados por nossa afetividade*” (BALLONE, 2002), envolvem a geração de sentimentos ou respostas emocionais (reação vivencial). Para cada pessoa uma vivência ambiental abarca desta forma um conjunto de elementos: experiências vividas e representadas particularmente por cada um, levando a sentimentos variados, que diferem quanto a tipo e intensidade, sendo proporcionais ao significado que a pessoa atribui aos fatos. No caso, sentimentos topofílicos, topofóbicos ou biofílicos, entre outros.

Godkin (1977; 1985), fundamentando-se também nos estudos de Relph e de Tuan sobre a experiência humana de lugar, afirma que “*los lugares se convierten en depósitos llenos de significativas experiencias vividas que se encuentran en el centro de la identidad y del bienestar psicológico del individuo*”, desenvolvendo seu ensaio a partir dos conceitos de enraizamento e desenraizamento (“*arraigo e desarraigo*”). Ao desenvolver o tema, tece considerações sobre o sentimento de apego e de desapego aos lugares relacionado a pessoas com problemas de saúde de diferentes naturezas, propondo o desenvolvimento de uma modalidade de psicoterapia baseada nas cronologias lugar-imagem. Godkin (1985:250), discute proposições vinculadas ao planejamento e construção de ambientes humanizados destinados a estabelecimentos terapêuticos, onde se enfatiza mais a assistência humana do que a tecnologia de cura, buscando em meio de tratamentos mais agressivos, um aumento da qualidade de vida, níveis de bem-estar e a diminuição dos níveis de estresse tanto dos pacientes como de seus familiares. O autor discorre sobre a importância dos estudos de enraizamento e desenraizamento tanto na Geografia como na Psiquiatria, que subsidiaram a criação de uma Unidade de Assistência Paliativa no Centro Médico da Universidade de Massachusetts, Worcester, destinada a pacientes com câncer.

Godkin (1985:243), seleciona os estudos respectivos a experiência humana de lugar, abrangendo os seguintes níveis:

- (1) *Lugares de significados ou símbolos*, comuns e compartilhados por um determinado grupo de pessoas, evocando um sentido de pertinência a um grupo social, e assim, outorgam ao lugar, um signo de identidade, existindo em diferentes escalas. Exemplo: lugares símbolos nacionais.
- (2) *Lugares de significados locais*, evocando sentimento de vizinhança e identidade comunitária. Exemplo: um quiosque de refrescos em uma praça de bairro.
- (3) *Lugares de significados universais* que são compartilhados, transcendendo a identidade política ou social de um grupo. Exemplo: na visão bachelardiana, lugares reais ou imaginários caracterizados pelos quatro

elementos básicos: fogo, ar, água, terra, são a base das ações e experiências humanas.

A partir destas reflexões, o autor observa que os estudos sobre a importância do significado de lugar são muito significativos no desenvolvimento da identidade pessoal e de sua integridade, todavia, lembra-nos que os estudos sobre os processos de formação das imagens relacionados à concepção pessoal de lugar ainda são insuficientes, enfatizando principalmente, em relação ao estresse físico e psicológico, sensações de bem-estar, de medo, familiaridade, de pertencer ou não ao lugar, lugares refúgios, etc., associados à geração de auto-imagens positivas ou negativas, e como decorrência, padrões atitudinais que refletem justamente estes valores em si próprio e no entorno, considerando-se a complexidade das situações experienciais. Para Godkin (1985:247-248):

(...) las imágenes positivas del lugar pueden proporcionar un foco concreto de cariño, retención e desarrollo de la propia identidad. Las experiencias que mantienen un sentido y una coherencia de sí mismo son "captadas" y retenidas en la memoria parcialmente como una imagen del lugar donde las experiencias positivas ocurrieron originariamente. En otras palabras, la sensación de autoidentidad se incorpora parcialmente al ser de la persona cuando va unida al lugar em que aquélla fue experimentada.(...) Una terapia basada en el arraigo y en el desarraigo, por consiguiente, permite fortalecer las imágenes positivas del lugar y rehuir los recuerdos negativos.

No contexto da perspectiva experiencial, estas abordagens permitem o resgate do significado do reencontro de nossas próprias trilhas na paisagem vivida, tanto na concretude como na simbologia dos seus componentes paisagísticos, e nos contrapontos voltados ao cotidiano ou ao insólito dos ambientes e das ambiências. (LIMA, 1990). Mediante estas visões, verificamos que as percepções e as formas de interpretação do meio ambiente, compreendem uma relação vital entre as pessoas e as suas paisagens, envolvendo processos sensoriais, cognitivos, afetivos, atitudinais, refletida através da construção das imagens e das formas de representações de seus espaços e lugares, individual ou coletivamente, e que também refratam a realidade através de nossos filtros culturais.

Nesta ótica, perceber, interpretar e representar o meio ambiente também se torna uma lição de (re-)descoberta, de (re-)conhecimento, (re-)construção, (re-)velação da paisagem vivida, desestabilizando antigos níveis de cognição, estimulando outras experiências, percepções, sentimentos, emoções, descobrindo outros ângulos da realidade ambiental, seja em relação à paisagem vivida, como em relação a individualidade e visibilidade dos espaços e lugares: nossos refúgios externos e internos adaptados ou construídos de acordo com as nossas próprias estratégias de vida.

Paisagens exteriores transformadas em paisagens interiorizadas para sempre, onde codificamos nossas realidades através de uma arquitetura de símbolos

paisagísticos, que à semelhança de cápsulas envolvem e resguardam as histórias por nós vivenciadas, (BUENO, 1994) abrangendo marcos resistentes e simbólicos, importantes referenciais para os processos de memória e imagética, bem como de valoração ambiental e de identificação espacial, visando a conservação e manutenção de suas formas, equilíbrios, energias, integridade, como se pudéssemos resgatar um diálogo e uma relação harmônica entre nós e a Terra. (Guimarães, 2002). Dardel (1952:41), a propósito do sentido desta totalidade e do *continuum* de suas transformações, afirma: “*le paysage est un ensemble: une convergence, un moment vécu. Un lien interne, une ‘impression’, unit tous les elements*”.

Durante o desenvolvimento dos processos cognitivos, perceptivos e afetivos, também há que considerarmos a percepção de conflitos de compreensão, originados pelo grau de informações que cada pessoa traz em razão de suas vivências, conhecimentos, parâmetros culturais, e que molda suas informações perceptivas e representações interpretativas (ÁLAMO, 1992:24). Também devemos lembrar dos problemas originados pelos filtros culturais que condicionam o nosso olhar, influenciando o conhecimento e as lembranças (o que devemos olhar, lembrar e guardar...), e que em muitos casos nos tornam reféns daquilo que percebemos, interpretamos e, por conseqüência, passamos a acreditar finalmente.

Para Meining (1979), aquilo que se apresenta diante dos nossos olhos pode ser muito diferente daquilo que está no interior de nossa mente. O autor, em seu estudo “*The Interpretation of Ordinary Landscapes*”, ao analisar as várias percepções de uma mesma paisagem, identificou dez categorias de enfoques, classificando-as de acordo com os elementos e/ou atributos associados ou formas de interpretação. Em relação à percepção e interpretação ambiental, estas categorias apresentam a paisagem em seus aspectos geográficos, ecológicos, sociológicos, históricos, antropológicos, estéticos, ideológicos e psicológicos, em permanentes e imbricadas transformações e interrelações, especialmente aquelas relacionadas à construção de nossos campos de visibilidade, de significâncias, ao envolver aspectos tangíveis e não-tangíveis da experiência/vivência humana, no conjunto de sua totalidade, influenciando nossos valores, juízos, reflexões e representações, quer objetiva, quer subjetivamente.

As formas de perceber, interpretar e representar o meio ambiente são construídas não somente pelos legados culturais, mas também pela experiência vivida, em uma interação constante de fluxos, formas, dinâmicas, redes, energias, incorporando as dimensões mais sutis da realidade, em seus aspectos objetivos e subjetivos, exteriorizados e interiorizados mediante o próprio vivenciar, consideradas as visões egocêntrica ou etnocêntrica, e as respostas abarcando atitudes, condutas e valores decorrentes das múltiplas formas das experiências ambientais. (TUAN, 1980). Por se tratar de uma dimensão experiencial, se configura como uma situação de imersão, pois horizontes internos e externos compõem uma totalidade, um só contexto, onde o território percebido é vivido como um prolongamento do próprio corpo (COLLOT, 1986).

Neste sentido, pessoas e meio ambiente encontram-se em uma fusão permanente, onde a percepção e a interpretação são processos que se desenvolvem a partir das concretudes e sensibilidades da paisagem exterior e interior, e também pela geração de símbolos e imagens, sentimentos e expressões, determinando relações de territorialidades, identidades e alteridades originais. Para cada nova vivência, o meio ambiente passa a ser percebido através de renovadas leituras, traduzindo significados diferentes nas dimensões espaço-temporal e cultural, trazendo à luz uma identidade especial, única, uma visibilidade firmada mediante imagens paisagísticas indelévels, fortes no conjunto dos significados das reações vivenciais, tornando-se ícones de todas as realidades objetiva (manifestada) e subjetiva (manifestante). (TUAN, 1983:134; LIMA, 1997). Entre a paisagem existente e a paisagem desejada, se estabelece um universo de representações...

Wanderley (1997: 36), ao analisar comparativamente as posições de Tuan (1983), Relph (1979) e Raffestin (1993) referentes às vivências geográficas correlacionadas ao sentido de espaço e lugar, considera que elas se aproximam e se complementam, e deste modo compreende "*Paisagem/espaco como o local virtual das intenções e experiências humanas e o lugar/território como uma projeção concreta e simbólica do espaço, definida pelos valores, atitudes, ações e todo o sistema de relações, intra e intergrupais.*" Ainda para a autora, estas reflexões implicam em um entendimento do "*homem através de uma visão dinâmica, integradora e dialógica com a natureza, com o espaço e o tempo; só ela é capaz de sensibilizar para as singularidades das pessoas e do lugar.*" (WANDERLEY, 1997: 35).

Sobre o resgate da afetividade e dos significados da relação Homem/Meio Ambiente relacionado à percepção do meio ambiente, Araújo (1994:14), tece uma reflexão, afirmando que: "*hay que recuperar el sentimiento de que somos lo que vemos cuando nuestros ojos finalmente perciben algo más que objetos acelerados, negros asfálticos, mueble que emiten luz y sonido y el estúpido império de la línea recta. Y de que somos lo que oímos cuando se disipa o ruido, algo que casi resulta imposible*". Ainda nesta reflexão, recorda a deterioração da biosfera associada a nossa "*orfandade de paisagem exterior*", de certo modo nossa incapacidade de nos identificarmos com uma paisagem, no sentido de mundo vivido, das territorialidades fisiográficas, culturais, psicológicas, por nós experienciadas e construídas, no sentido da geograficidade expressa por Dardel (1952). Desta forma, Araújo (1994:14) finaliza: "*[...] Incluso la permanente frustración psicológica actual tiene mucho que ver con este haber castrado al paisaje físico del paisaje de las emociones. Emasculación de una parte de nosotros mismos, ya anunciada por Ortega y Gasset y Unamuno. No olvidemos que el primero llegó a escribir que estábamos "despaisajados" y el segundo que "el paisaje le completaba*".

Assim, não bastam apenas um só pensamento/sentimento, nem somente um campo de visibilidades e um campo de movimentos, ou tão apenas um só olhar: torna-se necessária à conciliação de muitas diferentes formas de olhar/interpretar,

sentir/lembrar para compreendermos a nossa relação com o meio ambiente, com as paisagens e seus homens. Recordando a psicanalista Nise da Silveira (1905-1999), em uma entrevista quando falava sobre a vida, podemos também dizer que o meio ambiente (porque também leva-nos aos processos e estruturas que sustentam, permitem e são inerentes à Vida), "*não é uma coisa de isto ou aquilo, mas de isto e aquilo*". (GUIMARÃES, 2003).

Terceiro vislumbre: em busca da “terceira margem...”

“Educare, a raiz de ‘educação’, significa abrir o caminho para a totalidade inata de uma pessoa. Assim, no sentido mais profundo, o que, verdadeiramente nos educa também nos cura.”

Rachel N. Remen, 1998:270

As paisagens compreendem a atmosfera espaço-temporal do mundo vivido, porque os ritmos dos movimentos inerentes aos lugares trazem em si a dinâmica e a força das essências da Vida. Para Dardel (1952:42), representam “*une fenetre sur des possibilites illimitées: un horizon. Non une ligne fixe, mais un mouvement, un élan.*”. Ainda, de acordo com este autor, a paisagem não se restringe apenas como substrato e meio, mas expande-se em significados, ao incorporar o sentido de fonte e substrato de vida, estabelecendo relações existenciais entre o Homem e a Terra, o sentido da geograficidade e de seus liames. (GUIMARÃES, 2002; LIMA, 1997).

Remen (1998:237-238), ao refletir sobre os hábitos e rituais cotidianos e as vivências humanas, para que percebamos e sejamos despertados para outras realidades sempre presentes no entorno, porém, que passam despercebidas ou ignoradas, lembra-nos Schumacher em sua obra *Guide for the Perplexed*, onde “*observa que o interminável debate sobre a natureza do mundo tem por alicerces as diferenças de sensibilidade dos olhos que o contemplam: “só conseguimos enxergar aquilo para o que desenvolvemos a visão”* (Remen, 1998:237).

A percepção desvenda imagens que exprimem a coexistência de paisagens vividas paralelas, completamente distintas, segundo as dimensões da realidade espaço-temporal, pois em concordância com Dardel (1952:47), “*un même pays est autre pour le nomade, autre pour le sédentaire*”. Deste modo, as formas de decifrar e compreender os símbolos interjacentes em uma paisagem, tornam um mesmo lugar tão diferente para uma pessoa e outra, individualmente ou em conjunto, pois revelam o traçado imbricado de fronteiras de natureza material ou imaterial, tênues, sutis, ou não, existentes na percepção e na interpretação de uma paisagem externa ou interiorizada, numa significativa interrelação de elementos naturais e culturais. Engendram interpretações e representações das paisagens, mesclando o concreto e o imaginário, criando trilhas em espacialidades e temporalidades percebidas sob diferentes congruências e incongruências,

“como espelhos posicionados estrategicamente para refletirem a paisagem interior na exterior”. (LIMA, 1998)

Fundamentados em Dardel (1952) e Tuan (1977; 1984), entre outros autores, consideramos a paisagem como o legado de um jogo de forças, testemunhando não somente a ação dos elementos e processos naturais, mas também as interferências da presença humana. Esta, em seus processos de construção, destruição e reconstrução de seus lugares, de acordo com as circunstâncias experienciadas, atribui valores e significados às suas paisagens, que passam então, a inerir sua própria história de vida, em territorialidades marcadas, determinadas pela afeição, originando o espírito de pertinência e de enraizamento, ou desapego aos lugares. (LIMA, 1997)

A atribuição de valores e significados (exógenos e/ou endógenos; individuais e/ou coletivos) à paisagem vivida propiciam uma renovação contínua do conhecimento e sentimento desenvolvidos em relação ao meio ambiente, bem como das próprias pessoas e de suas raízes, suas identidades territoriais e paisagísticas : *“somos parte intrínseca de uma paisagem; no ato de protegê-la, resguardamos e protegemos nossa própria vida e identidade”*. (LIMA, 1998/b).

As experiências advindas do estudo teórico e aplicado sobre Vivências na Natureza, sejam estas através das trilhas ou de outras atividades adaptadas aos grupos, têm permitido a possibilidade de estudarmos e avaliarmos experiências ambientais que levam a um processo de crescimento interior, elevação da auto-estima e de outras respostas positivas para a inclusão e adaptação psico-ambiental de determinados segmentos de população, além dos resultados e apreensão de conhecimentos ecológicos já consagrados decorrentes das tradicionais propostas de sensibilização e conscientização visando programações lúdico-educativas no contexto da Educação Ambiental. A propósito de experiências e aprendizados, Tuan (1980:10) afirma que esta *“implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência. Experienciar é um aprender: significa atuar sobre o dado e criar a partir dele.”*

Desse modo, ao mesmo tempo em que as pessoas são convidadas a perceberem novos aspectos da realidade ambiental através de uma trilha interpretativa ou de uma vivência na Natureza em áreas campestres, mediante estímulos e elementos diferentes daqueles do cotidiano que vivenciam, elas não são somente despertadas para as necessidades emergenciais da conservação do meio ambiente e da manutenção de índices de qualidade ambiental, mas também são convidadas a despertarem para um questionamento sobre atitudes relacionadas à conquista ou resgate da qualidade de vida, percebendo, comparando e valorizando aspectos do dia a dia sob outros modos e perspectivas, devido ao conhecimento aprendido (ou reaprendido) por meio das novas experiências vividas, que conduzem a uma disposição para pensar e avaliar outras possibilidades de modo criativo, holístico.

Neste contexto de aprendizados, a interiorização e visualização de paisagens desvendam outros aspectos antes não percebidos, e que contribuem para a busca de novas alternativas e escolhas que podem transformar antigos padrões atitudinais, tendo em vista a permanência ou não de atitudes coerentes com o novo contexto de informações sobre novos parâmetros de qualidade de vida. Aspectos relacionados às sensações de bem estar também são sempre relatados e a vida compartilhada já não contribui para o desenvolvimento de sentimentos hostis e de inadaptação psico-sócio-ambiental, que levam muitas vezes à gênese da topofobia, através de ações que não preservam ou não propiciam sentimentos e comportamentos biofílicos e/ou topofílicos. A paisagem desvenda paisagens de solitudes.

Araújo (1994;13), ao refletir sobre aspectos da relação Humanidade e Natureza, enfatiza nossa perda de valores e percepções, nossas arbitrariedades, e os problemas ambientais e sociais que surgem como decorrências, propiciando indagações e questionamentos:

Y lo que nos hace y proyecta es el derredor, um paisaje anterior a nosotros. También hay paisaje interior formado por la comunicación, lo que sabemos, lo que sentimos y lo que deseamos.

Este paisaje está todavía más deteriorado que el exterior. La ruina de lo que vemos tiene como causa primera la anterior de la que sentimos e queremos. Aquella depende de ésta. Y estamos ante algo sin precedentes. [...]

¿Como ha sido posible el divorcio entre lo que nos rodea y nosotros mismos, entre los dos paisajes que somos, que es todo?

Neste sentido, as ações para a sensibilização tendo em vista a percepção e o conhecimento de outras realidades ambientais, assim como a busca de possíveis soluções para as questões relacionadas aos vários níveis da dimensão ambiental, em seus aspectos de ordem (e desordem!) psicossocial, cultural e geo-ecológica envolvidos, deveriam ser iniciadas a partir de nós, na dimensão dos nossos raios de ação, gerando redes, pois certamente abrangeriam outras fronteiras e influenciariam muitas outras pessoas, quer próximas ou distantes, sem exclusões, sem preconceitos, mas através da cooperação, solidariedade e reciprocidade, pois o meio ambiente é experienciado a todo momento em suas múltiplas e interativas faces, conseqüentemente, vivenciado de infinitas maneiras, levando a simultaneidade e a intersecção de universos de percepções, interpretações e representações.

A respeito destes universos próximos ou distantes, deve aflorar nossa capacidade de compreensão e tolerância a respeito do outro e de seu olhar e sentir, de sua relação experiencial e vivencial com o meio ambiente: uma outra realidade, uma outra vida, uma outra lição, um outro lugar, que traduzem percepções,

interpretações e valores de todos os possíveis e infinitos lugares, quer sejam exteriores ou interiores. Agora, a paisagem desvenda “*arquivos de lembranças (...): inspiração, permanência, probabilidades...(...), corpos e espíritos, ambientes e ambiências, pessoas e paisagens...Insights*”. (LIMA, 1997)

BIBLIOGRAFIA

ABRAM, D. *The Ecology of Magic*, In: ROSZAK, T. ; GOMES, M.E. & KANNER, A. **Ecopsychology : restoring the earth, healing the mind**. New York: Sierra Club/Crown Publishers, 1995, pp. 301-315.

ÁLAMO, Javier Benayas del. *La Percepción del Paisaje*, In: ÁLAMO, J.B. del et al. **Viviendo el Paisaje – guía didáctica para interpretar y actuar sobre el paisaje**. Madrid: Fundación NatWest,1994, pp. 21-25.

APPLETON, J. **The Poetry of Habitat**. Hull: University of Hull, 1978.

APPLETON, Jay. **The Experience of Landscape**. New York: John Wiley & Sons, 1975

ARAÚJO, J. *Prólogo*, In: ÁLAMO, J.B. del et al. **Viviendo el Paisaje – guía didáctica para interpretar y actuar sobre el paisaje**. Madrid: Fundación NatWest,1994, pp. 13-14.

ARMSTRONG, J. *Keepers of the Earth*, In: ROSZAK, T. ; GOMES, M.E. & KANNER, A.**Ecopsychology : restoring the earth, healing the mind**. New York: Sierra Club/Crown Publishers, 1995, pp. 316-324.

BALLONE, G.J. *Afetividade*, In: **PsiquWeb**, <http://www.psiqweb.med.br/afeto.html>, revisto em 2002.

BARROWS, A. *The Ecopsychology of Child Development*, In: ROSZAK, T.; GOMES, M.E. & KANNER, A. **Ecopsychology : restoring the earth, healing the mind**. New York: Sierra Club/Crown Publishers, 1995, pp. 101-110.

BARYLKO, Jaime. **Educación en Valores**. Buenos aires: Ameghino, 1999.

BROWN, I. *Ecopsychology and the Environmental Revolution – an environmental foreword*, In: ROSZAK, T. ; GOMES, M.E. & KANNER, A.**Ecopsychology : restoring the earth, healing the mind**. New York: Sierra Club/Crown Publishers, 1995, pp. X-xvi

BUENO, Antonio Sérgio. **Vísceras da Memória: uma leitura da obra de Pedro Nava**. Tese de doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, 1994.

BUTTNER, A. and SEAMON, D. (ed.) **The Human Experience of Space and Place**. London: Croom Helm, 1980.

BUTTNER, A. *Apreendendo o Dinamismo do Mundo Vivido*, Christofolletti, Antonio, **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: DIFEL, 1985, pp. 165-193.

BUTTNER, A. *Hogar, Campo de Movimiento y Sentido del Lugar*, Ramón, M.D.G. (org.), **Teoria y Metodo en la Geografia Anglosajona**. Barcelona: Ariel Geografia, 1985, pp. 227-241.

CHARLES, .D. **Musiques Nomades**. Paris: Kimé, 1998.

CONN, S.A. *When the Earth Hurts, Who Responds?* , In: ROSZAK, T. ; GOMES, M.E. & KANNER, A. **Ecopsychology : restoring the earth, healing the mind**. New York: Sierra Club/Crown Publishers, 1995, pp. 156-171.

CAHALAN, W. *Ecological Groundedness in Gestalt Therapy*, In: ROSZAK, T.; GOMES, M.E. & KANNER, A. **Ecopsychology : restoring the earth, healing the mind**. New York: Sierra Club/Crown Publishers, 1995, pp. 216-223.

COLLOT, Michel. *Points de Vue sur la Perception des Paysages*, **L'Espace Géographique**, no 3, 1986, pp. 211-217.

CONSTANTINO, Regina Márcia. **Uma Ecologia para o Som: faces e interfaces na qualidade acústica de vida**. Dissertação de Mestrado: Universidade /estadual de Londrina/PR, 2003, pp. 89-90.

DANSEREAU, Pierre. **Inscape and Landscape - the human perception of environment**. New York: Columbia University Press, 1975.

DARDEL, Eric. **L'Homme et la Terre: nature de la réalité géographique**. Paris: Presses Universitaires de France, 1952.

DEARDEN, P. & SADLER, B. (ed.), **Landscape Evaluation: Approaches and Applications**. Victoria: University of Victoria, 1989, pp. 67-98.

DEVEREUX, P; STEELE, J. & KUBRIN, D.. **Earthmind**. New York: Harper & Row, 1989.

EPSTEIN, G. **A Terapia do Sonho Acordado**. Campinas: Livro Pleno, 2001.

EPSTEIN, G. **Curar para a Imortalidade**. Campinas: Editorial Psy, 1998.

EPSTEIN, G. **Imagens que Curam: guia completo para a terapia pela imagem**. Campinas: Livro Pleno, 1999.

FERREIRA, S.T.L. **A Percepção Geográfica da Paisagem dos Gerais no “Grande Sertão: Veredas”**. Dissertação de Mestrado. IGCE/UNESP, 1990.

FRÉMONT, Armand. **A Região, Espaço Vivido**. Coimbra: Almedina, 1980.

GRAY, L. *Shamanic Counseling and Ecopsychology*, In: ROSZAK, T. ; GOMES, M.E. & KANNER, A. **Ecopsychology : restoring the earth, healing the mind**. New York: Sierra Club/Crown Publishers, 1995, pp. 172-182.

GREENWAY, R. *The Wilderness effect and Ecopsychology*, In: ROSZAK, T. ; GOMES, M.E. & KANNER, A. **Ecopsychology : restoring the earth, healing the mind**. New York: Sierra Club/Crown Publishers, 1995, pp. 122-135.

GUIMARÃES, S.T.L. *Percepción ambiental: un camino para conocer y reconstruir el paisaje vivido*, In: WAISMAN, Laura y SHOCRON, Mónica. **EducarNos: nuevas propuestas para la educación y la convivencia**. Buenos Aires: Lugar Editorial, 2001, pp.184-190.

GUIMARÃES, S.T.L. *Reflexões a respeito da paisagem vivida, topofilia e topofobia à luz dos estudos sobre a experiência, percepção e interpretação ambiental*. **GEOSUL**, Florianópolis, ISSN 0103-3964, v.17, n.33. jan-jun/2002, pp. 117-141.

GUIMARÃES, S.T.L. *Percepção e Interpretação Ambiental: reflexões a respeito da construção do sentido de lugar e das experiências de topofilia e topofobia*. **International Geographical Union – Commission on the Cultural Approach in Geography, Rio de Janeiro Conference, Historical Dimensions of the Relationship Between Space and Culture**, 10-12 junho/2003, (publicação em CD-rom, S12: *Espaços de Identidade e de Medo*)

GUIMARÃES, S. T. L. *Paisagens e Ciganos: uma reflexão sobre paisagens de medo, topofilia e topofobia*, In: ALMEIDA, M. G. & RATTTS, A. J. P, **Geografia: Leituras Culturais**. ISBN: 85-88253-19-4. Goiânia : Alternativa, 2003, pp. 49-69.

GUIMARÃES, S.T.L. **Nós e a Terra/31: Responsabilidade e Conciliação**. Rio Claro: Projeto OLAM – Educação Ambiental para a Paz/UNIMED – Rio Claro, quinta-feira, 06 de novembro de 2003.

HARPER, S. *The Way of Wilderness*, In: ROSZAK, T. ; GOMES, M.E. & KANNER, A. **Ecopsychology : restoring the earth, healing the mind**. New York: Sierra Club/Crown Publishers, 1995, pp. 183-200.

HEIMSTRA, N.W. & McFARLING, L.H. **Psicologia Ambiental**. São Paulo: E.P.U./EDUSP, 1978.

JUNQUEIRA, P.F. C. *et al.* **Curso de Trilhas de Interpretação da Natureza**. Poços de Caldas: Centro de Estudos e Pesquisas ambientais da ALCOA/CEPA, 1997.

LIMA, Solange T. **Paisagens & Ciganos**. Tese de Doutorado: IGCE/UNESP, 1997.

LIMA, Solange T. *Trilhas Interpretativas: a aventura de conhecer a paisagem*, **Cadernos Paisagem.Paisagens 3**, Rio Claro, UNESP, n.3, pp.39-44, maio/1998.

LOWENTHAL, David (ed.). **Environmental Perception and Behavior**. Chicago, University of Chicago, 1967.

LOWENTHAL, David and BOURDEN, Martyn (eds.). **Geographies of the Mind**. New York: Oxford University Press, 1976.

LOWENTHAL, David and PRINCE, Hugh C. *Finding Valued Landscapes*. **Working Paper**, no 4, Institute for Environmental Studies, Toronto, 1978.

LUBICZ, R.A. S.DE. **Symbol and the Symbolic**. Brookline: Autumn Press, 1978.

MACY, J. **World as Lover, World as Self**. Berkeley: Parallax Press, 1991.

MACY, J. *Working Through Environmental Despair*, In: ROSZAK, T. ; GOMES, M.E. & KANNER, A. **Ecopsychology : restoring the earth, healing the mind**. New York: Sierra Club/Crown Publishers, 1995, pp. 240-259.

MEINIG, Donald Willian (ed.). **The Interpretation of Ordinary Landscapes: Geographical Essay's**. Oxford University Presss 1979.

METZNER, R. *The Psychopathology of the Human-natures Relationship*, In: ROSZAK, T. ; GOMES, M.E. & KANNER, A. **Ecopsychology : restoring the earth, healing the mind**. New York: Sierra Club/Crown Publishers, 1995, pp. 55-67.

MONTESSORI, M. **Educación para la Paz**. Buenos Aires: Errepar, 1998.

NAESS, Arne. *Self Realization: an ecological approach to being in the world*, In: SEED, John *et al*. **Thinking Like a Mountain: towards a council of all beings**. Philadelphia: New Society, 1988.

RELPH, Edward. **Rational Landscapes and Humanistic Geography**. London: Croom Helm Ltd., 1981.

RELPH, Edward. **Place and Placelessness**. London: Pion Limited, 1976.

REMEN, Rachel Naomi. **Histórias que curam: conversas sábias ao pé do fogão**. São Paulo: Ágora, 1998.

ROGERS, Carl. **Libertad Y Creatividad en la Educación**. Ed. Piados, s/d.

ROSZAK, T. **The Voice of the Earth: an exploration of ecopsychology**. New York: Touchstone, 1993.

ROSZAK, b. *The Spirit of the Goddess*, In: ROSZAK, T. ; GOMES, M.E. & KANNER, A. **Ecopsychology : restoring the earth, healing the mind**. New York: Sierra Club/Crown Publishers, 1995, pp. 288-300.

ROSZAK, T.; GOMES, M.E. & KANNER, A. **Ecopsychology : restoring the earth, healing the mind**. New York: Sierra Club/Crown Publishers, 1995.

ROSZAK, T. *Where Psyche meets Gaia*, In: ROSZAK, T ; GOMES, M.E. & KANNER, A. **Ecopsychology : restoring the earth, healing the mind**. New York: Sierra Club/Crown Publishers, 1995, pp. 01-17.

SAARINEN, T.F. *Perception of Environment*, **Resource Paper/5**, Association of American Geographers, 1969.

SARDELLO, R. **Facing the world with Soul**. Hudson: Lindisfarne, 1992.

SEED, John *et al.* **Thinking Like a Mountain: towards a council of all beings**. Philadelphia: New Society, 1988.

SEAMON, D. **A Geography of the Lifeworld**. London: Croom Helm, 1979.

SEWALL, L. *The Skill of Ecological Perception*, In: ROSZAK, T. ; GOMES, M.E. & KANNER, A. **Ecopsychology : restoring the earth, healing the mind**. New York: Sierra Club/Crown Publishers, 1995, 2001-215.

SHAPIRO, E. *Restoring Habitats, Communities, and Souls*, In: ROSZAK, T. ; GOMES, M.E. & KANNER, A. **Ecopsychology : restoring the earth, healing the mind**. New York: Sierra Club/Crown Publishers, 1995, pp. 224-239.

SPICZKOWSKI, Ana . **Educação e Talmud**. São Paulo: Humanitas/FAPESP, 2002.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RELPH, E. **Place and Placelessness**. London: Pion, 1976.

RELPH, E. *As Bases Fenomenológicas da Geografia*, **Geografia**, vol.7, 1979, pp.01-25.

RELPH, E. **Rational Landscapes and Humanistic Geography**. London: Croom Helm, 1981.

TUAN, Yi-Fu. *Space and Place: humanistic perspective*, **Progress in Geography**, vol. 6, 1964, pp. 211-252.

TUAN, Yi-Fu. *Attitudes Toward Environment: Themes and Approaches*, LOWENTHAL, David (ed.). **Environmental Perception and Behavior**. Chicago: University of Chicago, 1967, pp. 4-17.

TUAN, Yi-Fu. *Man and Nature*, **Resource Paper**, no. 10, 1971.

TUAN, Yi-Fu. *Geography, Phenomenology and the Study of Human Nature*, **Canadian Geographer**, no 3, vol. 15, 1971/B, pp. 181-192.

TUAN, Yi-Fu. **Topophilia: a study of environmental perception, attitudes, values**. New York: Prentice-Hall, 1974.

David and Bowden, Martyn (eds.). **Geographies of the Mind-Essays in Historical Geosphy**. New York: Oxford University Press, 1976, pp. 11-39.

TUAN, Yi-Fu. **Space and Place: The Perspective of Experience**. Minneapolis: University of Minnesota, 1977.

TUAN, Yi-Fu. **Landscape of Fear**. Oxford: Basil Blackwell, 1979.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.

WAISMAN, Laura y SHOCRON, Mónica. **EducarNos: nuevas propuestas para la educación y la convivencia**. Buenos Aires: Lugar Editorial, 2001.

WANDERLEY, V. **A Pedra do Reino – Sertão Vivido de Ariano Suassuna**. Tese de Doutorado: IGCE/UNESP, 1997.

WHYTE, Anne V.T. *Guidelines for Fields Studies in Environmental Perception*, **MAB - Technical Notes 5**. Paris: UNESCO, 1977.

WILSON, E. O. & KELLERT, S.R. (eds). **The Biophilia Hypothesis**. Washington: Island Press/Shearwater Books, 1993.

WILSON, E. O. **Biodiversidade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

Nota final:

Projeto de pesquisa apoiado pela FUNDUNESP, São Paulo

* Docente do Depto. de Geografia nos cursos de graduação e pós-graduação em Geografia, do Instituto de Geociências e ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, campus de Rio Claro. E.mail: hadra@uol.com.br / hadra@olam.com.br .